



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA - PR
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

FABIANA APARECIDA DA SILVA TONET

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMPREENSÃO DOS PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL I, DE PRANCHITA-PR

REALEZA - PR

2018

FABIANA APARECIDA DA SILVA TONET

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMPREENSÃO DOS PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL I, DE PRANCHITA-PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Ciências Biológicas, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza - PR.

Orientadora: Prof^a. Dra^a. Sandra Maria Wirzbicki

REALEZA - PR

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Tonet, Fabiana Aparecida da Silva
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMPREENSÃO DOS PROFESSORES
DO ENSINO FUNDAMENTAL I, DE PRANCHITA - PR / Fabiana
Aparecida da Silva Tonet. -- 2018.
87 f.

Orientador: Sandra Maria Wirzbicki.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Ciências Biológicas-Licenciatura, Realeza, PR , 2018.

1. Educação. 2. Percepções. 3. Necessidade. 4.
Sensibilização. I. Wirzbicki, Sandra Maria, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FABIANA APARECIDA DA SILVA TONET

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA COMPREENSÃO DOS PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL I, DE PRANCHITA-PR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Ciências biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Wirzbicki.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Sandra Maria Wirzbicki – UFFS

Prof.^a Dra. Gilza Maria de Souza Franco – UFFS

Prof.^a Dra. Berta Lucia Pereira Villagra – UFFS

Dedico este trabalho à minha família, amigos e professores que estiveram do meu lado nesta caminhada e, também a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para essa etapa fosse alcançada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar comigo e ter me permitido chegar até aqui.

À minha orientadora pela paciência, tempo e conhecimentos dedicados e partilhados.

À minha família que me apoiou e esteve ao meu lado.

Ao meu namorado pela motivação e companhia nos estudos.

A todos os meus amigos que partilharam comigo essa caminhada.

Aos meus professores e colegas de curso pela oportunidade de ter lhes conhecido e compartilhado muitos conhecimentos.

Aos professores participantes da pesquisa, pela disponibilidade de contribuir com o processo.

“A vida é assim, o aprendizado é na prática! E a regra é simples: se não posso mudar os fatos, então deixo que os fatos me modifiquem. Quero o crescimento possível, a travessia que me é proposta. Porque ficar parado lamentando a vida que não quero, é um jeito estranho de abandonar a vida que tanto desejo”. (Padre Fábio de Melo)

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido durante o Trabalho de Conclusão de Curso, e emerge da inquietude de conhecer a Educação Ambiental na compreensão dos professores do Ensino Fundamental (EF) I, do município de Pranchita. O ser humano, integrante do meio ambiente, precisa estabelecer uma relação harmoniosa com o meio em que vive, proporcionando resultados positivos para ambos. Nesse sentido, a Educação Ambiental (EA) se faz necessária, para ser capaz de promover mudanças significativas de atitudes para com o meio em que estamos inseridos, mudanças feitas pelos próprios seres humanos, e que podem ser ensinadas e aprendidas dentro do espaço escolar. Desta forma, levantamos a problemática de como a EA está sendo abordada no EF I, na percepção de que ela deve ser parte integrante da formação de indivíduos socialmente críticos, conscientes e sensibilizados para o estabelecimento de uma relação equilibrada entre homem e natureza. A partir dessa problemática, objetivou-se conhecer as compreensões e práticas dos professores acerca da EA no EF I, em Pranchita-PR. Nessa perspectiva, caracteriza-se a pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo. Duas escolas foram visitadas previamente (uma escola de campo e a outra da zona urbana) em que os professores regentes e da disciplina de Ciências foram convidados a participar. Obteve-se a participação de 13 professores (11: zona urbana; 2: zona rural). Na sequência, as entrevistas (compostas por 18 questões voltadas para identificação básica docente e conhecimentos sobre meio ambiente e EA), foram marcadas e realizadas conforme os docentes estivessem dispostos a colaborar. Após, os dados coletados foram transcritos e analisados com base na Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES, 2003), envolvendo três etapas: unitarização, categorização e comunicação. Como resultados, compreendeu-se que a maioria confunde o conceito de EA, ao mesmo tempo que assume apoiá-la e abordá-la em sala de aula, principalmente em situações escolares cotidianas. Além disso, destacam a sua importância e necessidade para o EF I, retratando muitas vezes que não se sentem capazes de abordar essa temática, e que seria necessário alguém formado na área para ensinar EA. Neste sentido, conclui-se que existem ainda muitas dificuldades encontradas pela escola ao abordar EA, mas que mesmo assim, os professores persistem e dentro das suas possibilidades realizam este trabalho. Assim, assumem a tentativa incessante de formar cidadãos pensantes e ativos, buscando mudar a situação calamitosa em que o planeta Terra vive, orientando os estudantes para que sejam transformadores dessa realidade que vivemos e somos os responsáveis.

Palavras chave: Percepções. Necessidade. Meio ambiente. Conhecimento. Sensibilização.

ABSTRACT

The present research was developed during the Course Conclusion Work, and emerges from the concern of knowing Environmental Education in the understanding of Primary School Teachers (EF) I, in the municipality of Pranchita. The human being, an integral part of the environment, must establish a harmonious relationship with the environment in which he lives, providing positive results for both. In this sense, Environmental Education (EE) is necessary, to be able to promote significant changes of attitudes towards the environment in which we are inserted, changes made by human beings themselves, and that can be taught and learned within the school space. In this way, we raise the problem of how EA is being approached in the EF I, in the perception that it must be an integral part of the formation of socially critical individuals, conscious and sensitized for the establishment of a balanced relationship between man and nature. Based on this problem, the objective was to know the teachers' understandings and practices about EE in EF I, in Pranchita-PR. From this perspective, qualitative and quantitative research is characterized. Two schools were visited previously (one field school and the other in the urban zone) in which the regent and science teachers were invited to participate. The participation of 13 teachers (11: urban area, 2: rural area). Afterwards, the interviews (composed of 18 questions aimed at basic teacher identification and knowledge about the environment and AE) were marked and carried out as the teachers were willing to collaborate. Afterwards, the collected data were transcribed and analyzed based on the Discursive Textual Analysis (ATD) (MORAES, 2003), involving three steps: unitarization, categorization and communication. As a result, it was understood that most confuse the concept of EE, at the same time as it assumes support and approach in the classroom, especially in everyday school situations. In addition, they highlight their importance and need for EF I, often portraying that they do not feel able to address this issue, and that it would require someone trained in the area to teach AS. In this sense, it is concluded that there are still many difficulties encountered by the school in tackling AD, but that even so, teachers persist and within their possibilities carry out this work. Thus they take on the incessant attempt to train thinking and active citizens, seeking to change the calamitous situation in which the planet Earth lives, directing the students to be transformers of this reality that we live and we are responsible.

Keywords: Perceptions. Need. Environment. Knowledge. Awareness.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 Perfil dos professores participantes da pesquisa.
- Tabela 2 Compilação dos dados coletados na pesquisa com os docentes.

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética e Pesquisas
EA	Educação Ambiental
EF	Ensino Fundamental
LDB	Lei de Diretrizes e Bases e Educação
JEEP	Jovens Empreendedores Primeiros Passos
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNMA	Política Nacional de Meio Ambiente
PR	Paraná
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	15
1.1	COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	16
1.2	FUNDAMENTOS LEGAIS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	19
2.	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	24
3.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
3.1	PERFIL DOS PROFESSORES SUJEITOS DA PESQUISA	27
3.2	AS ETAPAS DA PESQUISA SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA	29
3.3	CATEGORIA I: DEFINIÇÕES E INCOMPREENSÕES DOS DOCENTES ACERCA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	33
3.3.1	O Meio Ambiente como direito social	37
3.3.2	Compreensões sobre Educação Ambiental	40
3.4	CATEGORIA II: DISCIPLINAS E A TRANSVERSALIDADE NO ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	44
3.4.1	Disciplinas com abordagens em Educação Ambiental.....	44
3.4.2	A Educação Ambiental como disciplina.....	49
3.5	CATEGORIA III: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA EA	53
3.5.1	Abordagens para Educação Ambiental.....	53
3.5.2	Projetos que envolvam/abordam a Educação Ambiental	59
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	71
	APÊNDICE A - Roteiro Estruturado aplicado na entrevista com os docentes.....	75
	APÊNDICE B – Tabela 3: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 6 e 7	77
	APÊNDICE C - Tabela 4: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 8, 9, 10 e 11.....	79
	APÊNDICE D - Tabela 5: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 12 e 13.	81
	APÊNDICE E - Tabela 6: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 14.	82
	APÊNDICE F - Tabela 7: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 15.	83
	APÊNDICE G - Tabela 8: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 16.....	84
	APÊNDICE H - Tabela 9: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 17.....	85

APÊNDICE I - Tabela 10: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 18.	86
ANEXO A.....	87

1 APRESENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

A sociedade está diretamente ligada ao meio ambiente e necessita dele para garantir a sua manutenção e sobrevivência. Dessa forma, essa ligação precisa ocorrer de forma prazerosa e harmoniosa, proporcionando resultados positivos para ambos. Nesse sentido, é que a Educação Ambiental (EA) se faz necessária, para ampliar a relação entre o homem e a natureza. A EA de acordo com Sauv  (2005, p. 317), “não   simplesmente uma “ferramenta” para a resolu o de problemas ou de gestão do meio ambiente”, o que sinaliza que ela precisa ser melhor compreendida .

Ao compreender que a EA precisa ser parte integrante da forma o de indivíduos socialmente críticos e sensibilizados para uma boa rela o entre o homem e a natureza. A pesquisa abordada neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi a de como a EA   trabalhada nas primeiras séries do EF. A partir dessa problemática, objetivou-se conhecer as compreensões e práticas dos professores acerca da EA no Ensino Fundamental I, no município de Pranchita-PR.

Assim, para este TCC ser realizado e norteado, estabelecemos algumas questões de estudo: quais são as concep es existentes sobre EA pelos professores do EF I, do município de Pranchita-PR? No contexto escolar, como a EA   trabalhada pelos professores? Quando desenvolvida pelos professores da rede básica, em quais disciplinas a EA   abordada? Como a EA contempla uma perspectiva contextual e transdisciplinar? Que atividades são desenvolvidas para abordar a EA? No decorrer do ensino da EA, quais são as dificuldades e as possibilidades encontradas pelos professores?

A partir dessas questões de estudo, objetivamos especificamente, analisar as concep es existentes sobre EA no EF I no município de Pranchita-PR, diagnosticar como a EA   abordada pelos professores, relacionar em quais disciplinas a EA   abordada pelos professores, visando avaliar se   abordada de forma contextual e/ou transdisciplinar e, também identificar quais são as atividades desenvolvidas para abordar a EA. Além disso, buscamos apontar quais as dificuldades e quais as possibilidades encontradas pelos docentes, no ensino da EA.

Desta forma, esta pesquisa justifica-se pela preocupa o com a EA enquanto tema interdisciplinar e transdisciplinar a ser abordado nas escolas de EF I, pelas diferentes áreas do conhecimento. Justifica-se também, pela carência nas abordagens escolares no decorrer do

ensino da EA, que repercutem diretamente em atitudes irregulares e prejudiciais para com o meio ambiente, que refletem no descaso com que ele vem sendo tratado.

A temática foi escolhida devido a afinidade que a pesquisadora têm com relação a EA, e também por ela ser muito importante para a formação ambiental crítico-social dos estudantes no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, há uma urgência com relação a essa temática, a qual é basilar para a compreensão do nosso papel enquanto ser vivo capaz de transformar o meio em que vive.

Assim, esse trabalho de caráter qualitativo, é composto pela introdução sobre a temática em estudo, que inclui as compreensões sobre EA e também os fundamentos legais para a EA; pelos aspectos metodológicos da pesquisa, que descreve a metodologia utilizada para desenvolvimento de cada etapa dessa pesquisa, desde a coleta dos dados até a análise e discussão dos resultados; pela apresentação, análise e discussão dos resultados, que traz os dados coletados, associados a apontamentos e argumentações acerca da EA, de natureza explicativa e complementar; pelas considerações finais, que apontam argumentos que foram obtidos ao término da pesquisa, indicando se os objetivos foram alcançados, bem como outras aprendizagens construídas ao longo do trabalho.

1.1 COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A relação do ser humano com o meio em que vive é constante e necessária, considerando essa relação, precisamos entender que ela ocorre de uma maneira direta. Nesse sentido, desenvolveram-se propostas e intervenções ambientais em âmbito educacional, social, contemplando inúmeras esferas da sociedade - como por exemplo, debates e discussões, conferências, palestras, filmes, blogs, campanhas de conscientização, as quais foram fazendo parte de um processo chamado de EA. Desta forma, ela “suruiu como resposta às necessidades que não estavam sendo completamente correspondidas pela educação formal” (MEDEIROS; MENDONÇA; SOUSA, 2011, p. 3), ou seja, não havia uma preocupação mais direcionada a natureza, e a “Educação Ambiental constitui-se como uma estratégia para que se alcance as mudanças desejadas na atual educação” (CUBA, 2010, p. 28). Gadotti (2017, p. 1) reitera que “não podemos falar do futuro da educação em geral e da educação ambiental, em particular, sem certa dose de cautela”. Portanto, esse é um desafio constante e presente, que precisa ser superado, principalmente no ambiente escolar atual.

Nesse sentido, torna-se necessário a compreensão do que é a EA definida como processos “por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (BRASIL, 1999). Assim, “trata-se de uma dimensão essencial da educação fundamental que diz respeito a uma esfera de interações que está na base do desenvolvimento pessoal e social: a da relação com o meio em que vivemos, com essa “casa de vida” compartilhada” (SAUVÉ, 2005, p. 317). Pode-se perceber que a EA, está fundamentada em nossa sociedade como integrante de nossa formação enquanto cidadãos formalizadores de capacidades e atitudes significativas, capazes de promover mudanças no meio em que vivemos.

O surgimento da EA, vem ao encontro das urgências que assolam o meio em que vivemos, ela tem sua origem de forma indireta. De acordo com Reigota (2014, p. 21) “pessoas e grupos, de forma discreta, mas muito ativa, já realizavam ações educativas e pedagógicas próximas do que se convencionou chamar de educação ambiental”. No tocante, essas ações contribuíram para a formalização e para a idealização da EA como conhecemos hoje.

Apontamos que os estudos acerca da EA no Brasil vêm se efetivando desde as últimas décadas do século passado. Conforme Delizoicov; Delizoicov (2014, p. 81) existem iniciativas acadêmicas, registradas em teses e dissertações produzidas no Brasil, que têm como objeto de estudo e pesquisa a EA, desde 1981, demonstrando que a partir desse período iniciamos estudos e investigações acadêmicas que preocupam-se com as questões sócio ambientais, as quais permanecem até os dias de hoje.

A EA é abordada como aquela educação que “visa à superação das injustiças ambientais, da desigualdade social, da apropriação capitalista e funcionalista da natureza e da própria humanidade” (SORRENTINO, 2005, p. 287). Assim, “o mundo social não funciona somente em termos de consciência, mas também de práticas” (SATO, 2001, p. 20), ou seja, a educação que seja capaz de sensibilizar, com a finalidade de promover mudanças no meio, mudanças feitas por cada um de nós.

Nessa mesma perspectiva, o cuidado para com o meio em que estamos inseridos torna-se essencial, e a compreensão da EA nesta mesma visão também precisa ser conhecida. De acordo com Torres, Ferrari e Maestrelli (2014), a EA (Crítica) pode ser compreendida como uma filosofia da educação que busca reorientar as premissas do pensar e do agir humano, na perspectiva de transformação das situações concretas e limitantes de melhores condições de vida dos sujeitos - o que implica mudança cultural e social. Com relação a EA, a “produção

do conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social” (JACOBI, 2003, p. 190), ou seja, ensinar em sala com o intuito de promover mudanças de atitudes com o meio em que o ser humano vive. Percebe-se amplamente que a EA precisa ser capaz de promover transformações de pensamentos, para que em contrapartida a isso, mudem-se atitudes.

A EA possibilita o aprendizado de conhecimentos teóricos e práticos que possibilitem interpretar e problematizar, auxiliando na melhoria das problemáticas socioambientais que permeiam o bem estar do ser humano, prejudicando o funcionamento da biosfera do planeta Terra. Com relação a isso, entendemos que nos últimos anos houve um crescimento acelerado do sistema capitalista a nível mundial, possibilitando grandes avanços das ciências e da tecnologia. Acerca disso Dias, Leal e Junior afirmam que “ao mesmo tempo em que ocorreram mudanças nos valores e modos de vida da sociedade: surgimento do processo industrial, crescimento das cidades, aumento da utilização dos recursos naturais e geração de resíduos” (2016, p. 17). Esses fatores acarretaram e contribuíram significativamente para que houvesse grandes impactos sociais e ambientais, exigindo que fossem tomadas providências na tentativa de melhorar essa situação, instruídos pela percepção de que é necessário que haja mudanças da visão para com o meio em que estamos inseridos.

Assim, favorece o processo de inserção de medidas sócio educativas, a EA prioriza a sensibilização e a abordagem de alternativas que perpassam a interação social do indivíduo em construção. Isso surgiu em decorrência de uma grande mudança de cultura de valores em nossa sociedade, em relação aos cuidados com os recursos naturais e a biodiversidade existente, muitos desses valores se perderam/ e pouco se fez para reverter essa situação, ficando claro que isso, também afetou a “percepção do ambiente pelos seres humanos, que passaram a vê-lo como um objeto de uso para atender suas vontades, sem se preocupar em estabelecer limites e critérios apropriados” (DIAS; LEAL; JUNIOR, 2016, p.17). Com isso, a natureza fica a mercê das atitudes e das covardias humanas, que dia a dia geram consequências drásticas e praticamente irreversíveis, das quais nós mesmos somos os mais afetados.

Após conhecermos um pouco algumas compreensões existentes sobre EA, abordamos na sequência, os fundamentos legais para o ensino da EA, a partir de alguns documentos legais e de algumas pesquisas acadêmicas.

1.2 FUNDAMENTOS LEGAIS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Partimos do princípio que a EA deve ser considerada parte integrante do currículo pertencente a formação dos alunos. O inciso VI, do Art. 225, da Constituição Federal assegura “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988). Fundamenta-se que a consciência ambiental é construída comumente dentro da escola, e não necessariamente precisa de uma disciplina específica, mas sim, pode ser trabalhada de forma interdisciplinar e transdisciplinar pelos professores. De acordo com Medeiros, Mendonça e Sousa (2011, p. 4), “a EA tem muito a contribuir no sentido de construir relações e proporcionar intercâmbios entre as diversas disciplinas”. Destacam ainda que isso “difícilmente acontece sem haver uma orientação e um preparo” (MEDEIROS; MENDONÇA; SOUSA, 2011, p. 4). Ou seja, o professor precisa de apoio para que consiga propor ações transformadoras para os seus alunos.

Outro documento que enfatiza a importância da EA é a Lei Nº 9.795 de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). O Art. 2º desta lei institui que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (BRASIL, 1999). No Art. 3º, em seu inciso II, a lei incumbe “às instituições educativas promover a Educação Ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem” (BRASIL, 1999). Ou seja, cada escola precisa compreender que a EA é formação cidadã, e não apenas uma matéria ou conteúdo, e que na maior parte dos casos, acaba sendo esquecida e nem sempre trabalhada em sala de aula como deveria. Desta forma, deixamos de sensibilizar sujeitos capazes de promover mudanças de atitudes em relação ao ambiente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais que tratam dos temas transversais sobre o Meio Ambiente/Saúde, trazem apontamentos para a Educação Ambiental. Em um de seus objetivos para o ensino fundamental, indicam que o aluno precisa “perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente” (BRASIL, 1997, p. 9). Compreendemos que para que esse objetivo seja plenamente atingido precisamos do comprometimento da família e da sociedade, ultrapassando os limites da escola, pois essa sozinha não dará conta da tarefa complexa de educar ambientalmente.

A escola é o local em que relações de troca são estabelecidas e discutidas, bem como espaço de concretizar a transversalidade recomendada nos PCN (1997). Em relação aos Temas Transversais abordados neste documento, referenda-se que “nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los” (BRASIL, 1997, p. 29). O que precisa ser entendido é que “a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 29). Ou seja, a EA pode ser direta e indiretamente abordada por outras áreas de conhecimento ou disciplinas, atravessando barreiras no ambiente de ensino/aprendizagem.

Nesse sentido, torna-se mais do que importante estudar esta temática em todas as disciplinas e, não em uma somente, de forma isolada. Para isso, nesta pesquisa a temática é compreendida de forma transdisciplinar, que conforme Nicolescu (1999, p. 11), “o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina”, a autora destaca que o objetivo da transdisciplinaridade “é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 2011, p. 11). Com isso, amplia-se e abrem-se caminhos para uma maneira diferenciada de pensar a ser trabalhada com os alunos, pois enquanto isso não acontece, acaba-se contribuindo com a formação de uma sociedade que pouco se importa com o meio em que vive.

No contexto transdisciplinar é possível ampliar as visões sobre algo, já que “a transdisciplinaridade se interessa pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo” (NICOLESCU, 1999, p. 12). Além disso, “a transdisciplinaridade significa transgredir a lógica da não-contradição, articulando os contrários: sujeito e objeto, subjetividade e objetividade, matéria e consciência, simplicidade e complexidade, unidade e diversidade” (SANTOS, 2008, p.75). A EA, quando abordada de forma transdisciplinar, pode ser considerada como formação crítica e ética do indivíduo, em que torna-se possível dinamizar o ensino disciplinar.

A inter e a transdisciplinaridade propõe um olhar mais contextual sobre o conhecimento e as diferentes relações, capazes de auxiliar na melhoria da postura que precisamos ter com relação a situação atual, visando uma maior responsabilidade e comprometimento para mudar o que está acontecendo, posturas que podem ser em grande parte abordadas no decorrer do ensino, pois a “educação para a cidadania requer, portanto, que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos” (BRASIL, 1997, p. 25). O tema Meio Ambiente, apontado como transversal nos PCN, vem complementar as abordagens acerca da EA, e estão diretamente interligados, podendo assim

adentrar o contexto escolar e contribuir para a formação crítico-reflexiva dos alunos, favorecendo o processo de sensibilização para com o meio ambiente.

Nesse sentido, “experiências pedagógicas brasileiras e internacionais de trabalho com educação ambiental, orientação sexual e saúde têm apontado a necessidade de que tais questões sejam trabalhadas de forma contínua e integrada” (BRASIL, 1997, p.29), reforçando a importância da transversalidade, “uma vez que seu estudo remete à necessidade de se recorrer a conjuntos de conhecimentos relativos a diferentes áreas do saber” (BRASIL, 1997, p. 29). Assim, a interdisciplinaridade vêm a complementar isso, já que é definida como “interação existente entre duas ou mais disciplinas” (FAZENDA, 2015, p.10), ou seja, as diferentes disciplinas (duas ou mais) relacionam os seus conteúdos com um objetivo a ser alcançado. Afirma-se assim, que o ensino realizado de forma transversal, tanto interdisciplinar quanto transdisciplinar torna-se mais eficaz e significativo para que se concretize o aprendizado.

De acordo com Torres e Behrens (2014), a transdisciplinaridade “apresenta-se no grau máximo de relações na integração de disciplinas que permitem a interconexão dos conteúdos, no sentido de auxiliar na unificação dos conhecimentos e na compreensão da realidade” (p. 19). Assim, enfatiza-se o papel do professor na sala de aula e a relação necessária entre as disciplinas, para que o aprendizado possa se fortalecer e se efetivar.

O aprendizado socioambiental é necessário para enfrentarmos os diferentes problemas ambientais existentes, que estão diretamente associados ao ser humano, mais especificamente às atitudes mantidas com o meio ambiente, e para isso, constatamos que precisamos refletir sobre nossas práticas. Em conformidade com Jacobi (2003, p. 190), é necessário refletir “sobre os desafios para mudar as formas de pensar e agir em torno da questão ambiental numa perspectiva contemporânea”. Portanto, é necessário problematizar compreensões e percepções sobre o meio em que vivemos, pois em muitos casos não nos consideramos parte deste espaço.

Neste sentido, a escola pode auxiliar no processo de sensibilização dos alunos. Os professores, como membros constituintes deste processo, podem se ater sobre a questão de que a prática da EA precisa “propiciar o desenvolvimento de atitudes concretas nos diversos setores sociais, por exemplo, o aluno deve reconhecer a importância da conservação dos recursos naturais, visto que, muitos dos bens naturais não são inesgotáveis” (OLIVEIRA; AMARAL; OBARA, 2011, p. 112), ou seja, valorizar os recursos que a natureza disponibiliza, salientando que eles são limitados e que somos responsáveis pela garantia de que eles continuarão a existir.

Para a contextualização da EA, os profissionais da educação precisam estar aptos para o exercício dessa profissão. De acordo com o Artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), “consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos” (BRASIL, 1996). Além disso, no inciso primeiro dessa mesma lei, assegura que “professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio” (1996). Neste sentido, aponta-se sobre a necessidade de uma qualificação profissional, que seja capaz de auxiliar o exercício da profissão, promovendo o aprendizado do aluno e ampliando a importância de relacionarmos os mais diversos conteúdos em sala de aula. No entanto, é primordial que além da formação para o exercício da profissão, haja todo um processo de formação continuada, para que os docentes estejam preparados e seguros para a realização de abordagens diferenciadas, como neste caso, acerca da EA.

No contexto escolar, defende-se a necessidade de transcender as concepções de EA decorrentes “da percepção sobre o incipiente processo de reflexão acerca das práticas existentes e das múltiplas possibilidades, ao pensar a realidade de modo complexo, defini-la como uma nova racionalidade e um espaço onde se articulam natureza, técnica e cultura” (JACOBI, 2003, p. 191). Com isso, apontamos a importância da sensibilização dos nossos alunos, e da urgente necessidade de colocar a EA como proposta de trabalho dentro das escolas, sem deixar de trabalhar outras prioridades existentes, para que os mesmos sejam sensibilizados e possam perceber que precisam exercer práticas sustentáveis.

Na tentativa de melhorar a realidade que o ambiente está sendo acometido Paulo Freire propôs ideias que relacionam teoria e prática integradas. Tal concepção, refere-se à Abordagem Temática Freiriana e aplica-se em diferentes contextos. Conforme Torres, Ferrari e Maestrelli (2014), tal abordagem “configura-se como uma relação de “comum acordo” entre as partes envolvidas (equipe escolar e realidade/contexto investigado) articulada à parceria estabelecida com os órgãos governamentais locais de educação” (p.24), afirmam ainda que “a viabilização do ato educativo envolve processos formativos e, portanto, a garantia de carga horária para tal” (TORRES; FERRARI; MAESTRELLI, 2014, p. 24). Nesse sentido, para que a instituição de ensino possa desenvolver a EA, são necessários profissionais com uma formação específica na área, ou pelo menos dispostos para compreender a temática, aprendendo que ela é função de todos, e que em conjunto podem trabalhar com práticas conscientes dentro do ambiente de trabalho.

Os professores que atendem o Ensino Fundamental (EF) I foram contemplados com esta pesquisa. Essa fase do ensino foi selecionada porque acreditamos ser “uma etapa que

pode limitar ou expandir as possibilidades futuras para a construção de conhecimentos por parte do educando” (BIANCHI, 2011, p. 13). Ou seja, é durante este período, que os alunos possuem uma maior capacidade de sensibilização e formação de valores, já que esta é uma fase de crescimento e de ampliar o pensamento crítico-social em relação ao que é vivenciado em contexto escolar ou cotidiano. Apostamos que abordagens de EA nessa faixa etária possam contribuir para a formação de indivíduos socialmente críticos, e conscientes de que a natureza precisa ser tratada com atenção, possibilitando a estes sentirem-se integrados a ela.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo. Em relação ao caráter qualitativo, é caracterizado pela ausência de dados numéricos e análises estatísticas, proporcionando uma análise mais aprofundada do tema da pesquisa, contemplando mais detalhes no trabalho desenvolvido (MORAES, 2003, p. 191). Moraes reitera que “os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados” (2003, p. 193), envolvendo diretamente a interpretação da pesquisa e a construção e finalização do trabalho. Além disso, o caráter quantitativo, pode ser observado, a partir da análise dos dados, em que foram organizados a partir dos descritores (palavras) relacionadas a EA, os quais foram contabilizados.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Pranchita, com professores do EF I. A coleta de dados foi realizada em duas das quatro escolas da rede municipal, uma situada no perímetro urbano e a outra no rural. A escolha por uma escola rural e uma urbana justifica-se pela diversidade ambiental em relação ao contexto em que a escola está inserida.

A escola do perímetro urbano possui 12 turmas, atendendo de 2^a ao 5^o Ano, contempladas no turno matutino e vespertino. A escola do perímetro rural possui 3 turmas multisseriadas, sendo estas, uma turma de Educação Infantil (pré-escolar) e 1^o Ano, a outra atende ao 2^o e o 3^o Ano e a outra atende o 4^o e o 5^o Ano, sendo que todas estas turmas são contempladas no turno matutino.

Anteriormente ao desenvolvimento desta pesquisa, o presente projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Realeza-Paraná, para aprovação.

Após ser aprovado após meados do mês de Maio de 2018, teve início o desenvolvimento da parte dedicada a coleta de dados com os docentes participantes da pesquisa.

Desta forma, foi realizado um levantamento de dados, através de uma entrevista semiestruturada, contemplando todos os professores regentes das turmas do 1^o ao 5^o ano das duas escolas. Os professores da disciplina específica de Ciências que atendem estas turmas e também, os professores que ministram o programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), totalizam 16 professores e foram todos convidados a participar da pesquisa (este número de professores convidados poderia ser maior, devido ao fato de que um mesmo professor atender uma turma de uma escola em um turno e no outro turno, atender uma turma

na outra escola contemplada na pesquisa, ou até mesmo atender duas turmas na mesma escola nos diferentes turnos).

A entrevista com os professores de Ciências, justifica-se porque recentemente no município de Pranchita a referida disciplina não é mais trabalhada pelo professor regente da turma, e sim por um professor que aborda esta área especificamente, mesmo não tendo formação nesta área. Além disso, optou-se por entrevistar os professores do JEPP, pois trata-se de um curso que visa colaborar com o ensino voltado para uma formação mais direcionada aos cuidados com o meio em que o aluno está inserido.

O contato prévio com os docentes destas escolas, foi realizado pessoalmente. Nestas conversas, foram acordadas as data para as entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada professor.

A entrevista foi composta de um roteiro estruturado (APÊNDICE A), que abordou desde alguns dados pessoais do professor, e também alguns dados e informações que envolviam a utilização da EA como disciplina/temática em suas aulas. Esta entrevista foi realizada pessoalmente com cada um dos professores dentro do espaço escolar em que se encontravam, sendo nos períodos de planejamento ou em momentos que eles consideraram possível a realização da pesquisa. As respostas obtidas, foram gravadas em áudio. Aos participantes foi garantido o sigilo e o anonimato por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE - ANEXO 1). Nesse sentido, dos 16 professores convidados/contatados para participar da pesquisa, 13 se disponibilizaram a responder a entrevista.

Para garantir o anonimato aos participantes da pesquisa, a identificação no decorrer da apresentação dos resultados e discussões, esses professores foram identificados por nomes fictícios relacionados aos fatores bióticos e abióticos do meio ambiente, sendo eles: Professor 1: **Ar**; Professor 2: **Borboleta**; Professor 3: **Solo**; Professor 4: **Inseto**; Professor 5: **Rocha**; Professor 6: **Flor**; Professor 7: **Vento**; Professor 8: **Morango**; Professor 9: **Luz**; Professor 10: **Esquilo**; Professor 11: **Temperatura**; Professor 12: **Canário** e Professor 13: **Umidade**. Para redução destes nomes e melhor adequação desses nas tabelas, serão utilizados somente as iniciais de cada um deles, e no texto eles serão utilizados normalmente. Além disso, para toda a vez que a pesquisadora for citada nas respostas dos docentes, será utilizada a letra P.

Ao término das entrevistas, os áudios foram transcritos e analisados com base na Análise Textual Discursiva (ATD), a qual envolve três etapas: a unitarização, a categorização e a comunicação. Conforme Moraes, essas três etapas são descritas como “desconstrução dos textos do corpus, a unitarização; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a

categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada” (2003, p. 192). Dados oriundos dessas três etapas são apresentados e discutidos a seguir, fundamentando-os com o referencial teórico aobre a EA em seus diferentes espaços e aspectos.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para as análises e discussões dos resultados, foram elencados alguns tópicos, são eles: 3.1 Perfil dos professores participantes da pesquisa, 3.2 As etapas da pesquisa sob a perspectiva da ATD, 3.3 Definições e incompreensões dos docentes acerca da EA, 3.4 Disciplinas e a transversalidade no ensino da EA, 3.5 Caminhos possíveis para a EA. A análise e a discussão destes, embasada teoricamente e discutida conforme a visão da autora da presente pesquisa.

3.1 PERFIL DOS PROFESSORES SUJEITOS DA PESQUISA

A identificação dos docentes participantes da pesquisa é abordada na Tabela 1. Estas informações foram obtidas através de cinco (5) perguntas: 1) “Qual é a sua graduação?”, 2) “Há quantos anos concluiu a graduação?” 3) “Há quantos anos trabalha como docente?”, 4) “Qual é a sua turma de regência?”, 5) “Como ocorre o teu processo de formação continuada?” Essas respostas foram organizadas para compor o perfil dos professores participantes da pesquisa, abordando um pouco sobre a formação destes e, também a maneira como eles realizam o processo de formação continuada, para aperfeiçoar os seus conhecimentos.

Tabela 1: Perfil dos professores participantes da pesquisa.

Professor	Perfil dos professores
PA	Graduada em Pedagogia, concluída à 8 anos. Atua como docente à treze anos. Possui pós-graduação em Educação Especial. Docente regente na turma 4º ano C. A sua formação continuada é realizada pela secretaria de educação municipal, duas vezes ao ano, no início do ano letivo e após as férias na metade do ano.
PB	Graduanda de Licenciatura em Letras Português e Espanhol. Atua como docente a dois anos. Atualmente é professora de Ciências, do 1º ao 5ª ano. Afirma que o professor precisa estar sempre buscando novos conhecimentos, principalmente quando atua-se em uma área diferente daquela em formação.
PS	Graduada em Letras Português e Espanhol, e Pedagogia. Concluiu a graduação de Pedagogia há três anos. Possui pós-graduação na área de letras. Atua como docente à dez anos. Docente da disciplina de Ciências do 1º ao 5º ano. Está a procura de outra pós-graduação para continuar o seu processo de formação continuada.
PI	Graduada em Pedagogia. Concluiu a graduação a onze anos. Possui pós graduação, a qual não foi identificada. Atua como docente a onze anos. Docente na turma do 2º ano A. Para a formação continuada, geralmente participa dos cursos ofertados pela secretaria do município.

PR	Graduada em Licenciatura plena em Ciências. Concluiu a graduação a dezenove anos. Possui pós-graduação em Gestão e Supervisão Escolar. Docente nas turmas do 4º e do 5º ano A sua formação continuada é realizada através dos cursos ofertados pela secretaria de educação municipal, geralmente duas vezes ao ano.
PF	Graduada em Geografia, concluída há quinze anos. Atua como docente a vinte e quatro anos. Docente regente nas turmas do 2º e 3º ano. A sua formação continuada é realizada através dos cursos ofertados pela secretaria de educação municipal e estadual, pois possui um padrão em cada uma dessas esferas.
PV	Graduada em Letras Português e Espanhol, e Pedagogia, concluídas a nove anos. Atua na profissão docente à nove anos. Regente na turma 4º ano B. O processo de formação continuada é realizado por intermédio da secretaria municipal de educação e também através de cursos a nível estadual e online de sua preferência.
PM	Licenciatura em Pedagogia, concluída à quatro anos. Atua como docente à dez anos. Possui pós-graduação em Gestão e Supervisão. Regente que desenvolve o curso JEPP, nas turmas do 1º ao 5º ano. A formação continuada é realizada através dos cursos ofertados pela secretaria de educação do município.
PL	Graduada em Ciências Biológicas, concluída à treze anos. Atua como docente à dezessete anos. Possui uma pós-graduação em Gestão Ambiental e outra em Gestão do Trabalho Pedagógico – direção, supervisão. Docente regente no 3º ano A. O seu processo de formação continuada foi realizado através do PNAIC, e atualmente realiza uma formação por intermédio da UFFS de Realeza-PR, a qual aborda projeto no ensino. Além disso, realiza, pesquisas e buscas na internet para estar sempre atualizada.
PE	Graduada em História, concluída à dezesseis anos. Atua como docente à vinte e oito anos. Possui pós graduada em Orientação/supervisão e Gestão escolar. Regente do 5º ano no turno matutino e do 3º ano no turno vespertino. Destaca sua participação no PACTO e afirma ainda, realizar a formação continuada ofertada através da secretaria municipal de educação, geralmente duas vezes ao ano.
PT	Licenciatura em Pedagogia, concluída a cinco anos. Atua como docente a vinte e oito anos. Docente regente no 4º no período matutino e no 4º no período vespertino. Realiza o processo de formação continuada afirmando estar sempre lendo, pesquisando e participando dos cursos e capacitações que a secretaria oferece.
PC	Graduada em Ciências Biológicas, concluída a treze anos. Atua como docente a trinta e dois anos. Regente do 5º ano. O seu processo de formação continuada é feito através de cursos, planejamentos, estudos, grupos de estudos, encontro nas escolas, projetos e a própria prática diária em sala de aula.
PU	Licenciatura em Pedagogia, concluída à doze anos. Atua como docente à dez anos. Docente regente que desenvolve o curso JEPP, nas turmas de 1º ano ao 5º, na zona rural e urbana. A formação continuada realiza-se através de leituras, estudos, pesquisas na internet, além das capacitações ofertadas pela secretaria municipal de educação.

Fonte: Elaborada pela autora.

Com base na Tabela 1 conclui-se que doze docentes possuem graduação concluída há mais de três anos e, somente um docente (PB) não possui graduação concluída. Isso, pode ser considerado um dado positivo, pois somente um docente entrevistado ainda não concluiu a graduação e, até mesmo, por se tratar dos anos iniciais do EF, em que boa parte dos docentes

brasileiros ainda não possui formação superior, mesmo que essa exigência já esteja estabelecida desde a LDB 9394/96.

Analisando os professores que lecionam na disciplina de Ciências e o JEPP, os quais são o PA, o PS, o PM e o PU, não são formados em áreas de Ciências, e na própria entrevista afirmam possuir dificuldades em trabalhar com a temática da EA, ou seja, não estão preparados nem para atuar em Ciências ou na EA. Além disso, eles não possuem nenhuma especialização, que proporcione a eles um preparo para estar abordando a disciplina de Ciências e o JEPP. Mais a frente será discutido um pouco sobre a sugestão dada por alguns destes docentes sobre essa questão.

Cabe destacar também, que entre estes professores regentes, há um que ainda não é graduado e está atuando como regente na disciplina de Ciências, o qual argumenta que não se sente preparado para estar desempenhando tal função. Neste caso, podemos perceber as lacunas ainda existentes no quadro docente do país, que por não possuir professores especializados para todas as áreas e todas as colocações dentro de nossas escolas, acabam por ter que submeter pessoas que ainda não estão formadas e até mesmo - em muitos casos - despreparadas para desempenhar diversas funções, o que pode repercutir em prejuízos nos processos de ensino e aprendizagem.

3.2 AS ETAPAS DA PESQUISA SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Através da metodologia de análise dos dados coletados, a ATD, foi possível em sua primeira etapa de unitarização, a elaboração de várias tabelas, as quais foram organizadas a partir da análise de cada uma das questões da entrevista. Foram destacados os descritores (palavras) relacionadas a EA e as abrangências dessa temática na pesquisa. Tais descritores foram agrupados em conjunto de sinônimos e a frequência/quantidade em que eram mencionados nas respostas de cada um dos docentes. Essas tabelas são apresentadas nos Apêndices B, C, D, E, F, G, H e I deste trabalho.

Ainda na etapa da unitarização, foi possível a redução do número destas tabelas, tendo em vista o agrupamento dos descritores em unidades de significado (US) (TABELA 2), compilando assim todas as respostas dos docentes em números de descritores relativos a EA e suas abordagens no contexto escolar. A partir da unitarização, foi possível identificar sete (7) US, sendo elas: 1) Definição de meio ambiente; 2) O meio ambiente como direito; 3)

conhecimentos, definições e opiniões sobre Educação Ambiental; 4) Disciplinas com abordagens em EA; 5) A Educação Ambiental como disciplina; 6) Abordagens para Educação Ambiental; e, 7) Projetos que envolvam/abordam Educação Ambiental.

Cabe destacar que as USs são apresentadas a partir da análise de ordem das questões da entrevista e, também por aproximação destas. As categorias construídas estabelecem discussões e relações sobre as US, abrangendo mais que uma US, nas quais são abordadas as respostas mais relevantes e expressivas obtidas nas entrevistas.

Tabela 2: Compilação dos dados coletados na pesquisa com os docentes.

US*	Descritores	Número de ocorrência dos descritores													
		A	B	S	I	R	F	V	M	L	E	T	C	U	Total
1)	Meio; onde se desenvolve; o que nos cerca; tudo que temos no planeta; centro de tudo; fazemos parte dele; a natureza; casa; família; a rua; o bairro; comunidade; ambiente escola; o dia a dia: das crianças e em sala de aula; viver; o que comemos; vivenciar; campo e a cidade; ar que respira; estado do meio ambiente; matéria prima; puro e limpo; parte da sobrevivência.	8	4	1	7	2	16	4	5	3	4	6	7	8	75
2)	É um direito social; direito de todos; deveria ser visto como; acredita que seja;	1	1	1	2	1	1	1	1	2	-	1	1	-	13
3)	Preservar; cuidado; reciclar; valorizar mais; preocupação; proteger; cuidar futuro e presente; o desenvolvimento; tem que vir desde pequeno; crescer com essa consciência; depende do meio ambiente; forma de reflorestar; importante; abrangente; vai fazer o que gosta a partir do que ama; amar o meio ambiente; interdisciplinaridade; não é só plantação de árvores; cultivo; não só a natureza mas todo o ambiente; aprender a conviver com o meio ambiente; comportamento; problemas ambientais; pensar; compreender; compromisso; sustentabilidade; dar exemplos para cobrar depois; limpeza;	23	21	13	29	15	23	24	16	33	27	7	24	17	272

	adequada; não poluir; os recursos são esgotáveis.														
	Começa em casa; educar desde cedo; cuidar hoje para ter amanhã; ter educação.	3	2	-	5	5	-	1	-	2	-	4	3	2	27
	Programas relacionados ao meio ambiente; campanhas; prevenção; evolução; inteligência; tecnologia; o que fazer e como fazer; prática.	3	-	-	-	-	1	3	-	-	2	-	-	-	9
	Abordar/trabalhar: meio ambiente e natureza; ciclo da água, poluição; lixo; trabalho bem feito; trabalha inconscientemente; fazer o que ama; vai levar pra frente o que você ensina; falar para o aluno; explicar; fazer; utilizar; comentar; mostrar; fora da sala; levar para a sala; juntar o lixo.	4	4	17	8	21	9	9	4	18	16	10	5	18	143
	Tudo é ambiente; a cidade; construir a cidade; zona rural; campo; de onde vem a água; de onde vem o alimento; escola; ao redor da casa; o ar que respiramos; é vida; família; onde vive; faz parte da vida; é tudo que nos cerca; é vida; saúde; engloba tudo; não tem como limitar; sobre município; sua casa; sua escola.	9	8	1	17	9	22	4	10	6	12	8	17	21	144
	Fora da área da formação; difícil; o que há nos livros, ouviu falar; necessidade de pessoas mais preparadas para atuar na EA.	-	1	3	-	5	-	-	-	-	6	-	7	4	26
	Desmatamento; agrotóxicos; produção; construção; bactérias; consumismo; doenças; poluição; queimadas; industrialização; prejuízo.	-	1	-	1	-	1	8	-	-	7	6	4	5	33
4)	Todas as disciplinas; tudo pode ser integrado; interdisciplinar; não teria uma matéria/disciplina específica.	6	-	-	2	5	5	1	2	3	-	-	2	1	27
	Quase todas; nas outras; têm várias; mas as outras podem utilizar integrado.	-	1	2	1	-	-	1	-	3	1	-	-	-	9
	Ciências	2	4	3	-	1	2	2	1	5	1	4	-	2	27
	Geografia	3	1	-	8	-	3	-	-	2	7	3	1	1	29

	História	2	1	-	2	-	-	-	-	1	5	1	1	-	13
	Português	4	1	2	2	1	1	4	-	2	7	1	3	3	31
	Matemática	3	-	1	2	2	1	3	1	1	12	1	1	2	30
	Artes	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	3
	Aulas de Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP)	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	3
5)	Sim	2	4	1	3	2	5	2	1	2	2	-	4	1	29
	Não	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	Não sabe; não sabe como implantar; complicado; difícil; falta de tempo.	5	2	6	1	-	1	-	-	4	-	1	-	3	23
	Trabalhar a EA; as crianças precisam; importância.	5	3	2	2	2	2	1	1	1	1	-	-	1	21
6)	Trabalhar e abordar: por partes devido a idade; com os alunos; de várias maneiras; nos conteúdos; não é só natureza; texto; para que serve; o que é; de onde vem o que usamos; exemplos; conhecimentos; assistir; paródia.	15	3	1	5	5	10	4	8	9	14	8	6	18	116
	Estratégias para melhoria; dar exemplos; conscientizar os pais; alunos cobrando os pais; cobrar os alunos; como era antes e como é agora; relação com o meio ambiente; precisaria pessoas formadas; mais preparação.	7	-	2	-	-	-	-	-	2	6	-	-	3	20
	Não é só teoria; prática; plantio da horta; mexer na terra; regar; desmuda, jardinagem; horta; projeto; experiências, conhecer a realidade; recortes; pesquisas; tabela.	2	5	12	14	8	19	5	5	11	2	-	-	17	100
7)	Existe projetos; preocupação; campanhas, JEPP; Agrinho.	12	-	-	7	-	-	-	5	4	1	-	6	3	32
	Não existe no momento; não há; não existe preocupação; não sabe se existe.	1	7	3	-	-	1	2	-	-	5	1	1	4	25
	Dever da professora de Ciências.	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	Planeja fazer projetos para os alunos nas próximas aulas.	-	-	6	-	1	4	1	8	-	-	-	-	1	21

*US=Unidades de Significado.

Fonte: Elaborada pela autora.

Após a identificação dos descritores e organização das unidades de significado na primeira etapa da ATD, partiu-se para a segunda etapa, da categorização. Nesta etapa foram identificadas três categorias, que englobam os dados apresentados na Tabela 2.

Na categoria **I) Definições e incompreensões dos docentes acerca da EA**, são apresentadas e discutidas as US: concepções dos docentes sobre meio ambiente; o meio ambiente como direito social e a sua abordagem no EF I; e, também, os conhecimentos, definições e opiniões dos professores sobre EA.

Na segunda categoria **II) As disciplinas e a transversalidade no ensino da EA**, abordamos as US: as disciplinas que deveriam contemplar a EA; as disciplinas que o professor aborda a EA em sala; e, a defesa pela EA como uma disciplina específica.

A terceira categoria denominamos **III) Os caminhos possíveis para a EA**, traz as US: a abordagem de questões regionais na sala de aula; a importância e a necessidade do ensino da EA na sala de aula; e, também preocupações e projetos que envolvam ou abordem esta temática. Essas categorias são apresentadas, discutidas e referenciadas nos tópicos a seguir.

3.3 CATEGORIA I: DEFINIÇÕES E INCOMPREENSÕES DOS DOCENTES ACERCA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nessa pesquisa aponta-se para a necessidade de conhecer as concepções dos professores acerca da EA, e isso é apresentado por eles primeiramente quando respondem ao questionamento que lhes foi feito: 6) “O que você entende por meio ambiente?” Esta noção de meio ambiente torna-se necessária para o docente, para que possa se apropriar da importância dele para os seres humanos.

Acerca das definições dos docentes em relação ao meio ambiente, percebemos clareza sobre o tema. Assim, constatamos nesta US, uma frequência maior de alguns descritores, são eles, “*o cuidar e o preservar o meio ambiente*”, aparecendo 30 vezes nas respostas. Esses descritores remetem a concepção dos docentes sobre a importância de se ter um olhar voltado para a valorização do ambiente, que pode ser demonstrado através do cuidado e da própria preservação, que não deixa de ser uma alternativa para se “cuidar” deste.

Esse cuidado pode ser observado na fala do PV, o qual refere-se dizendo: “*Acho que meio ambiente é a nossa natureza, como nós cuidamos do mundo, seria tudo, tudo o que a gente tem dentro de casa, é [...] o que nós fazemos para cuidar do meio ambiente, nosso lote, nossa floresta, nossa água, englobaria tudo*”. Percebemos que PV assume que temos responsabilidades para com o meio ambiente, e esse é definido como o ambiente que está ao nosso redor, no qual realizamos diversas atividades. Podemos destacar a resposta dada pelo PE, que reforça essa ideia, vejamos:

PE: Então P, o meio ambiente é um assunto bem abrangente, eu acho que ele é o centro de tudo, o meio ambiente envolve desde lá de casa, desde a família, desde que você acorda, este dia eu tava conversando com as crianças, no momento ali que a gente faz o início da aula, a gente faz tipo uma meditação, a gente sempre se volta ao cuidado, por que é a preocupação que a gente vem vindo há anos com essa preocupação em cima do meio ambiente. Então, é um assunto bem abrangente, interdisciplinar, então, eu vejo ele um assunto muito importante assim, como que eu te digo, é a base, tudo tu se apegas no meio ambiente, tudo que você, a tua vida é meio ambiente.

Os docentes retratam a importância dos cuidados para com o meio ambiente, reforçam isso no decorrer de suas fala, mas em momento nenhum eles trazem quais são estes cuidados. Isso pode ser entendido como a ausência destes cuidados em seus cotidianos, mas que representam estar conscientes de que eles são necessários e, também a falta de lembrança de tais cuidados no momento da entrevista.

Todavia, podemos afirmar a percepção do ambiente como um conteúdo abrangente, demonstrando que ele está presente na vida dos seres humanos, reafirmando a sua responsabilidade para com ele. Além disso, compreender que as atitudes que tomamos são capazes de gerar consequências ao meio em que vivemos é um passo importante para detectar que somos sim, capazes de promover mudanças significativas nesta sociedade que tanto acentua e retoma a necessidade urgente de se empreender melhorias ambientais.

Conquanto, o docente S afirma:

PS: Olha, meio ambiente pra mim é tudo que nos cerca, é tudo o que está ao nosso redor, e, se nós não preservarmos e cuidarmos do meio ambiente e passar isso para os alunos, porque o aluno só vai fazer o que ele gosta a partir do que ele ama, então se nós não mostrar para os alunos a preservação, o amar o meio ambiente, a natureza, eles não vão fazer o mesmo.

Podemos observar nessa fala, o papel do professor frente aos seus alunos, em que ele exerce a função de motivador e passa a ser o exemplo frente às situações cotidianas

relacionadas ao meio ambiente. Conforme Torres, Ferrari e Maestrelli (2014), “o sujeito crítico e transformador é formado para atuar em sua realidade no sentido de transformá-la” (p. 15). Com isso, o aluno possui maiores chances de perceber essas motivações e, poderá se sensibilizar quanto a isso, passando a entender que faz parte desse meio e, ter noção da importância existente em cuidar do mesmo.

Na Tabela 3 (APÊNDICE B), a qual traz os descritores separados dos demais presentes nesta categoria, em ordem decrescente, temos o meio ambiente sendo definido como “*o meio que nos cerca, somos parte dele, e tudo o que temos em nosso planeta*”, os quais juntos, são citados 22 vezes nas falas dos docentes.

Podemos observar a resposta ao questionamento 6), dada pelo PA, que afirma meio ambiente como “*o meio que nos cerca e tudo o que está ao nosso redor*”, isso remete a uma definição construída pelo próprio docente, o que provavelmente o fez compreender meio ambiente desta forma:

PA: Meio ambiente é o meio que nos cerca, todo o lugar onde está, o que nos cerca faz parte do meio ambiente, é isso que eu vejo como meio ambiente. Eu coloco para os meus alunos: tudo o que nos cerca faz parte do meio ambiente, qualquer lugar que a gente está.

Podemos observar através desta resposta, que de maneira ampla, o docente demonstra possuir uma visão abrangente e de certa forma resumida ao meio ambiente sendo “*tudo o que nos cerca*”, mas não argumenta o que é esse “*tudo*”, deixando uma lacuna a respeito, ou seja, a impressão de que querem omitir uma certa falta de domínio sobre o assunto, reduzindo o discurso sobre o ambiente a “*tudo*”. No entanto, afirma que ensina isso para os seus alunos, trazendo essa ideia de meio ambiente para a sala de aula.

PB traz uma abordagem semelhante a do PA: “*Meio ambiente é todo o ambiente que a gente vive, tanto a natureza, quanto o ambiente casa, ambiente escola, tudo isso acho que faz parte do meio ambiente*”. Neste trecho é possível observar que o meio ambiente é abordado como diferentes lugares, em que o docente reconhece e sabe a existência desses, remetendo-se a ele como o local em que vivemos, destacando a nossa própria casa e a escola. No entanto, não aponta as interações que podem ser estabelecidas a partir destes lugares. Reigota assegura que o meio ambiente “*é um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais*” (2014, p.36), o que confirma de certa forma as últimas definições trazidas através das percepções de PA e PB, de que o meio ambiente é de certa forma o lugar em que nos inserimos associado ao que o constitui.

Os PCNs trazem a explicação de que o meio ambiente é “uma grande rede de seres interligados, interdependentes. Essa rede entrelaça de modo intenso e envolve conjuntos de seres vivos e elementos físicos” (1997, p. 27). Além disso, destaca que “para cada ser vivo que habita o planeta existe um espaço ao seu redor com todos os outros elementos e seres vivos que com ele interagem, por meio de relações de troca de energia: esse conjunto de elementos, seres e relações constitui o seu meio ambiente” (1997, p. 27). Com esta definição, podemos incluir o ser humano como ser vivo, que estabelece relações com o meio em que se insere, por isso a importância de se compreender o que é o meio ambiente, para então, ser consciente do seu papel enquanto constituinte dele.

Outros descritores que aparecem com uma grande frequência nesta unidade de significado são: “*o meio ambiente é o nosso dia a dia*”, e, “*o que vivenciamos*”, os quais aparecem em uma frequência de 13 vezes, nas respostas dos professores.

Ainda em resposta à questão 6) PI coloca que o: “*Meio ambiente é tudo que está ao nosso redor, o nosso dia a dia, o dia a dia das crianças e tudo está envolvido ao meio ambiente, tanto a cidade como o interior, é tudo, o campo a cidade, tudo é o meio ambiente*”. Já PL, cita que o “*meio ambiente é onde a gente vive, onde se desenvolve, é tudo o que envolve a nossa vida, o nosso desenvolvimento, é o meio ambiente*”. Nota-se nestas respostas a compreensão de meio ambiente voltada a ele como dia a dia, o que vivenciamos, ou seja, os professores abordam o meio ambiente de acordo com as suas experiências. PI afirma que o meio ambiente é a zona urbana e a zona rural, e que tudo o que existe se define em meio ambiente, além de trazer uma ideia de abrangência para ele, sendo definido como “*tudo*”. PL afirma que o local em que estamos inseridos e tudo aquilo que é necessário para a manutenção da nossa vida é o meio ambiente.

Consegue-se perceber que a compreensão destes docentes acerca de meio ambiente é a de que eles o percebem como parte do seu cotidiano, o meio em que ele se insere, as atividades que desempenha e também a necessidade e importância desse meio. Com relação a isso, podemos afirmar que somos fundamentados cotidianamente de acordo com as relações que assinalamos coletivamente, nos possibilitando vivenciar e conhecer uma gigantesca gama de realidades que permeiam essa sociedade, contribuindo para fortalecer a responsabilidade de cuidar, conservar e contribuir de diversas formas para melhorar a relação harmoniosa entre homem e natureza, a qual é necessária para a manutenção do equilíbrio das diversas formas de vida no planeta.

Portanto, podemos definir meio ambiente conforme a legislação brasileira, através da Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) (Lei 6938/81) que afirma no Artigo 3º, inciso I

que é considerado meio ambiente “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (1981). Vejamos que esta definição é ampla e engloba diferentes fatores que envolvem a natureza existente, como as formas de vida e até mesmo as condições necessárias para que elas se estabelecem e alcancem inúmeras dimensões.

Além disso, podemos definir meio ambiente como um local de troca e de harmonia necessária para resultar em um equilíbrio entre os seres vivos. Outra definição é a trazida por Reigota (2014) afirmando que “é o conjunto de dados fixos e de equilíbrios de forças concorrentes que condicionam a vida de um grupo biológico” (p. 34). Alencar, Barbosa e Barbosa afirmam que “o termo “meio ambiente” é considerado pelo pensamento geral como sinônimo de natureza, local a ser apreciado, respeitado e preservado” (2015, p. 60), ou seja, uma definição que em geral afirma a natureza como meio ambiente e reafirma a ideia da função social que precisamos exercer, que é a de zelar pela conservação e pelo cuidado destes recursos que a nós estão disponíveis. Com isso, compreende-se que pode-se definir meio ambiente de diferentes formas e que na verdade ele é um conjunto que precisa estar em constante harmonia para continuar a existir.

A partir dessas respostas percebeu-se notoriamente que a maioria compreende o meio ambiente como sendo o meio em que estamos inseridos e também os cuidados necessários para com ele, ou seja, uma maneira ainda muito simplista e reducionista de compreendê-lo. Para auxiliar no processo de uma compreensão mais complexa do tema, poderiam ser envolvidos os elementos apresentados pela PNMA, e também dos argumentos de autores trazidos nessa categoria, aproximando os docentes de uma visão mais ampla e contextualizada do que é o ambiente e a EA. Com isso, foi possível conhecer as definições, limitações e até mesmo incompreensões dos docentes acerca do meio ambiente. Na sequência serão discutidos a EA como direito social a partir das opiniões dos docentes, refletidas e teorizadas pela pesquisadora.

3.3.1 O Meio Ambiente como direito social

Todas as vezes que pensamos o meio ambiente, precisamos entender que somos parte integrante dele e assim somos parte de um conjunto que têm como pressuposto o equilíbrio conjunto. Desta forma, entra em pauta o meio ambiente como um direito social, o qual é afirmado como sendo um direito de todos e que foi colocado em questão no momento da

entrevista. Com isso, os docentes foram questionados: 7) “Para você o meio ambiente é um direito social?” Pode-se afirmar que doze dos treze docentes entrevistados concordaram e afirmaram que sim, mas pouco argumentam sobre esse direito. Alguns complementam esta afirmação propondo alternativas para manter a conservação e a manutenção da natureza, destacando a função de cada um de nós dentro deste espaço.

A confirmação do meio ambiente como direito social pode ser observada nas respostas de alguns dos docentes como PR, PV e PL afirmam que:

PR: É um direito social sim. E eu gosto muito desse conteúdo, sobre meio ambiente, porque eu acho que ele é importantíssimo, até assim, esse ano nós não temos mais a disciplina de Ciências que é trabalhada com o professor regente, mas mesmo assim eu trabalho, mesmo o outro professor trabalhando a área de Ciências, eu trabalho com os meus alunos também.

PV: É, é um direito sim, somos todos donos dele na minha maneira de pensar e nós devemos trabalhar com os alunos, a reciclagem, plantio de árvores, o reflorestamento, de onde vem, eu gosto de trabalhar bastante com eles: de onde vem aquilo que eles tão usando? Então, tudo é matéria prima do meio ambiente, tudo a gente tira do meio ambiente. Então, é nessa abordagem que eu gosto de trabalhar com eles, mostrar para ele de onde vem, para eles saber que eles tem que preservar, que eles tem que cuidar, que eles tem que reciclar.

PL: Ele é um direito, ele deveria ser visto como um direito, eu entendo que ele deveria ser trabalhado não isolado, por as vezes Educação Ambiental a gente trabalha: ah, porque é a semana do meio ambiente, vai trabalhar do meio ambiente, eu vejo assim que teria que ser desde o início, para eles [...] por que tudo que a gente hoje a gente tem, a gente é, a gente depende do meio ambiente. E eu sinto assim, que as vezes é um trabalho meio truncado, meio direcionado pela data e, não uma conscientização que ele tem que vir desde pequeno com essa consciência e com esse cuidado.

É possível entender a noção por parte desses professores, de que somos os responsáveis por gerir e manter o meio em que vivemos. PR afirma que o meio ambiente é um direito social e que o dever de abordar sobre isso fica ao encargo da disciplina de Ciências, mas ele também realiza essa tarefa, pois precisamos compreender que a EA é experienciada na escola em diferentes situações presentes no cotidiano escolar. PV aponta diferentes estratégias para ensinar ao aluno sobre a importância que precisa ser dada ao meio em que vivemos, que vai desde a questão do consumismo até a reciclagem de produtos. A importância de se aprender que o meio ambiente íntegro e equilibrado é necessário para a manutenção da nossa vida, deve ser uma tarefa presente no cotidiano dos alunos desde que eles começam a perceber o ambiente ao seu redor, para que assim eles aprendam a ter consciência e valorizar mais aquilo de que também fazemos parte. Além disso, destaca-se a

importância que deve ser dada ao meio ambiente, e a necessidade dele ser visto como um direito social, e, em contraponto a isso, perceber a sua função, ou seja, os seus deveres enquanto usufruímos dos recursos que nos são ofertados em abundância.

Krzyszczak afirma que “o meio ambiente é percebido de diferentes formas pelos indivíduos, essa heterogeneidade de percepção é resultado do modo como nós interagimos com ele” (2016, p. 4), dispondo assim de uma vasta variedade de percepções acerca desse termo, e a maneira como o compreendemos influenciam diretamente na concepção que possuímos de ser ou não um direito social. A partir das falas deles, percebemos que o meio ambiente como direito social é apenas afirmado pelos docentes, os quais não trazem o que seria esse direito de forma conceituada e contextualizada.

A Constituição Federal de 1988, assegura no Artigo 225, que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (1988). A partir desse artigo da Constituição de 1988, temos assegurado este direito aos cidadãos brasileiros, destacando que ele é de fundamental importância para garantir que haja a manutenção da vida humana no planeta.

Neste sentido, consideramos o meio ambiente como direito social, remetendo a necessidade de termos acesso a ele, assim como o acesso à educação e à saúde. Desta forma, garantindo a todos esse consentimento que nos foi assegurado, mas também precisamos destacar que se o temos como direito, também possuímos alguns deveres que de certa forma ficam incumbidos a cada cidadão e a cada cidadã, como o de zelar por esse ambiente equilibrado e disponível a cada um dos seres humanos.

Assim, a Carta de 1988, além de estabelecer o direito de todos a um meio ambiente equilibrado, decreta também alguns deveres, não somente a nós como cidadãos, mas também ao Estado e a coletividade, tendo como objetivo principal zelar pelo meio ambiente adequado para as futuras gerações. Conforme Neto e Filho (2010) “a crescente preocupação das sociedades hodiernas com a degradação ambiental [...] vem impondo ao Estado o *múnus* de assegurar o direito fundamental ao meio ambiente ecologicamente equilibrado” (p. 33) afirmam ainda que isso acontece “por ser a qualidade ambiental uma das condições para a garantia de vida digna para os presentes e futuras gerações” (NETO; FILHO, 2010, p. 33). Nesse sentido, o Estado também têm o dever de fazer a sua parte, se comprometendo com atitudes e ações que venham a melhorar a situação do meio ambiente, ao mesmo tempo que favoreçam a qualidade de vida da sua população. Esse comprometimento pode ser ampliado, ressignificado por meio da EA, a fim de buscar sensibilizar todos os cidadãos brasileiros.

Após conhecer a EA como direito social - pertencente a todos, podemos concluir que há uma majoritária concordância de que o meio ambiente é um direito social. Com isso, podemos dizer que os deveres atrelados aos seres humanos precisam ser tratados na mesma proporção, pois se a ele temos direito, é a nossa obrigação zelar para que ele seja conservado e mantido de maneira adequada, para que possamos desfrutar de uma relação harmoniosa para com ele.

Dentro desse contexto de ter o meio ambiente como direito social, encontramos inúmeras alternativas para cumprir os deveres para com eles. Uma das alternativas encontradas é o trabalho nas escolas de Educação Básica, a partir do desenvolvimento de práticas diárias em EA. Assim, precisamos conhecer quais são as compreensões dos docentes acerca da EA no contexto escolar.

3.3.2 Compreensões sobre Educação Ambiental

Após serem discutidas as compreensões dos docentes acerca de meio ambiente e este como um direito social, buscamos entender os seus conhecimentos, compreensões e opiniões sobre EA. Essa discussão foi possibilitada a partir das respostas dos participantes às questões: 8) “O que você conhece sobre a EA?”; 9) “Defina a EA”; e 10) “Qual é a sua opinião sobre a EA”. Com relação a esta unidade de significado, foram identificados sete descritores, que mais aparecem nas respostas.

Com relação aos descritores **cuidar** e **preservar**, obteve-se a maior frequência nessa US, totalizando uma ocorrência de 272 vezes. Com isso, percebe-se uma compreensão bem significativa e conservadora sobre as formas de se conservar o meio ambiente, voltadas para o cuidado, vejamos na sequência essas abordagens trazidas pelos docentes.

Ao serem questionados sobre quais eram os seus conhecimentos sobre a EA, alguns retrataram que é um termo já conhecido e que geralmente abordam em suas aulas. Nessa perspectiva, PB afirma: *“o que a gente escuta sobre EA é aquela coisa: não poluir os rios, não poluir a natureza, ensinar os alunos desde pequeninhos a seguir este caminho de sustentabilidade, do ser humano preservar a natureza, usar os recursos, mas preservando”*, remetendo-se ao que se vivencia sobre a temática em seu dia a dia. Além disso, percebe-se que há uma preocupação bem presente com a natureza, e coloca-se como alternativa ensinar os indivíduos desde pequenos, ou seja, desde mais novos, direcionando os ensinamentos para uma EA sustentável.

A realidade que conhecemos sobre o meio em que estamos inseridos, aponta para a necessidade de agirmos de maneira contínua e de frente para as problemáticas que nós seres humanos causamos, e uma das alternativas para uma ação eficaz e que pode propor mudanças, é a EA ser bem articulada nas séries iniciais do EF I, Medeiros et al (2011, p. 2) afirmam que “a educação ambiental é essencial em todos os níveis dos processos educativos e em especial nos anos iniciais da escolarização, já que é mais fácil conscientizar as crianças sobre as questões ambientais do que os adultos”. Portanto, o ensino da EA com uma proposta de conscientização, pode ser mais eficaz quando a criança encontra-se nas séries iniciais da escola, pois é ali que ela aprende a dar sentido às coisas e compreende o seu papel de gerenciador de atitudes corretas, as quais podem ser ensinadas por meio da abordagem da EA.

Conforme Medeiros et al “o ambiente escolar é um dos primeiros passos para a conscientização dos futuros cidadãos para com o meio ambiente, por isso a EA é introduzida em todos os conteúdos (interdisciplinar) relacionando o ser humano com a natureza” (2011, p. 6), o que reforça a ideia apontada por PB, da importância de ensinar os alunos enquanto eles são pequenos, pois é no ambiente escolar que estão em constante formação os futuros cidadãos que terão em suas mãos o destino da nação.

Os autores afirmam ainda que isso acontece pois, “quando “inocentes” é mais fácil se moldar novos conhecimentos, pelo contrário, os adultos já possuem hábitos e comportamentos cristalizados e de difícil reorientação” (MEDEIROS et al, 2011, p. 15-16). Ou seja, quando ensinamos as crianças desde pequenas, como neste caso, no EF I, estamos proporcionando a eles, a oportunidade de gerar uma postura que seja diferenciada, que viabilize o cuidado para com o meio em que vivem e também maneiras saudáveis e sustentáveis de subsistência, trazendo benefícios para todos os indivíduos e ainda contribuindo para a manutenção de todas as formas de vida existentes no planeta.

Já o PV coloca que “*geralmente nas escolas, a gente trabalha como Educação Ambiental, a preservação, o cuidado dos rios, para mim é isso*”, demonstrando uma certa limitação com relação a esta compreensão, mas reforçando a ideia do cuidar e do preservar, Medeiros et al afirmam que “as questões ambientais estão cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade” (2011, p. 2), pois é uma realidade que vem sendo debatida há anos e precisa obter soluções que condicionem mudanças. Os PR e PM, assim definem a EA:

PR: Sim, a gente assim, ouve falar bastante, mas como a gente fica um pouquinho fora dessa área de trabalho, a gente não está muito relacionada, mas com os nossos pequenos que é aqui o nosso trabalho que a gente faz, a gente trabalha muito essa questão dos rios, do lixo na sala de aula, como que é em casa, o que que eles fazem com o lixo, a quantidade de produção

de lixo que é muito importante, a gente traz a Educação Ambiental para área da Matemática também, porque eu acho uma área muito importante sim.

PM: Já ouvi falar vários assuntos, a importância, o cuidado que devemos ter, o meio ambiente, Educação Ambiental, como a gente deve se comportar com o meio ambiente, os cuidados que a gente tem que ter com ele.

Ambos afirmam ouvir falar em EA, o PR afirma que apesar das dificuldades em não compreender muito sobre esta área de trabalho, a temática é abordada por ele, e faz isso nas ações cotidianas da sala de aula, apontando um pensamento voltado ao ensinar o aluno a pensar e rever as suas atitudes, principalmente com relação ao consumismo e as suas consequências, como ele mesmo cita: o lixo. PM recorre sobre a importância da EA, reforçando os compromissos, os cuidados e as atitudes que precisamos ter com o meio ambiente, corroborando a função que nos é atribuída como meros constituintes deste. Percebe-se que os conhecimentos dos docentes sobre EA aproximam-se muito, e que a maior parte deles, ouve falar que existe a EA e que ela é importante.

Esse cuidado condiz muito com as preocupações que o indivíduo possui. Conforme Boof “cuidar é mais que um ato; é uma atitude” (1999, p. 12), ou seja, envolve o querer propor uma ação que seja convicta e capaz de gerar transformações no meio. Além disso, o autor acrescenta que esse “*cuidar*”, “representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (1999, p. 12), colocando o ser humano a frente das problemáticas, fazendo-o perceber que é seu dever zelar pelos recursos naturais disponíveis, que podem ser percebidos e contextualizados dentro do próprio espaço escolar.

Em meio a essa contextualização da EA no ambiente escolar, alguns docentes destacam que enfrentam algumas dificuldades, e relatam sobre a falta de formação/especialização na área, a falta de tempo para planejar, e a falta de segurança em abordarem a temática. Podemos comparar essas dificuldades com as apontadas por Carneiro, também na rede escolar pública de Paranaguá - PR, em que estas são justificadas pela “falta de um referencial teórico-metodológico consistente por parte dos professores e das equipes técnico-pedagógicas, em seu trabalho educativo sobre meio ambiente” (CARNEIRO, 1999, p. 5), o que também foi relatado pelos docentes participantes desta pesquisa, comprovando que a ausência de uma formação especializada na área, auxilia na promoção de dificuldades em abordagens específicas, como neste caso, em EA.

Neste sentido, percebemos que apesar das dificuldades, os docentes possuem uma preocupação com o ambiente, o que direciona um pensamento voltado ao ensino de práticas

em EA, que levem o aluno a passar por um processo de reflexão. Em um trabalho sobre EA, desenvolvido pela Universidade de São Paulo Abreu, Campos e Aguilar afirmam que “entre os professores participantes da oficina, 73% disseram promover ações voltadas à EA nas suas escolas” (ABREU; CAMPOS; AGUILAR, 2008, p. 689), o que surge como ponto positivo se comparado com essa pesquisa, em que os docentes também assumem esse compromisso. Por isso, é importante que tenhamos preocupações com o ambiente em que vivemos, assim como os docentes desta pesquisa afirmaram possuir, para que algo possa ser feito e não apenas pensado.

Em resposta acerca da definição e opinião sobre EA, muitas foram as formas que os professores encontraram para argumentar sobre o tema. Entre os descritores, o que mais se destacou foi a de que a EA “*pode ser abordada de diferentes formas no cotidiano escolar*”, aparecendo em uma frequência de 144 vezes nas respostas e, é um “*assunto abrangente*”, com uma frequência de 143 vezes. O PE, traz a sua opinião sobre a EA dizendo:

PE: A minha opinião é designar profissionais mais preparados, a gente na sala de aula tem essa preparação assim, que é a capa vamos dizer, do meio ambiente, e ele é um assunto tão profundo que precisa as vezes pessoas preparadas nesse assunto, para fazer um trabalho família e escola para você chegar ao teu objetivo, se nós seguirmos do jeito que a gente está seguindo, tem a mudança como eu te disse, mais ou menos eu acho que um 40%, que 60% fica lá na família. Então nós temos que ter, você pode ver nós temos todas essas campanhas que é feito, todo ano é feito campanha e todo ano é o mesmo problema e todo ano é nos mesmos lugares os mesmos problemas. Então, o negócio nós vamos ter que ir na raiz, a pessoa preparada, porque a gente não, como eu te disse, nós em sala de aula [...] claro que a gente [...] procura, eu sempre procuro quando eu vou abordar um assunto assim, eu me preparo, porque todo dia é um aprendizado né P.

Percebemos a noção de que há uma necessidade embutida em nossas escolas, de professores que sejam especializados em determinadas áreas para poder abordar a temática e que é preciso todo um envolvimento da família em conjunto com a escola, para a manutenção e operação de algumas atividades, promovendo um aproveitamento das mesmas.

Nesse sentido, foi possível conhecer as opiniões, os conhecimentos e as compreensões dos docente em relação à EA, em que muito se enfatizou sobre a importância dos cuidados, da preservação e de abordar desde cedo com as crianças sobre o tema. Assim, todo esse trabalho realizado dentro da escola envolve alguns fatores, dentre eles as diferentes disciplinas e a transversalidade desta temática no momento do ensino.

3.4 CATEGORIA II: DISCIPLINAS E A TRANSVERSALIDADE NO ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Abordar a EA na sala de aula é uma tarefa direcionada para as instituições de ensino, como neste caso, às pertencentes ao EF I. Os PCNs (BRASIL, 1997) afirmam que o Meio Ambiente é um tema transversal, que perpassa todas as disciplinas do EF. Assim, precisa-se pensar nesta prática e de que maneira ela é abordada na escola, mais precisamente em quais disciplinas ela é trabalhada.

Apesar de defendermos a EA como um tema transversal, interdisciplinar e multidisciplinar, nessa pesquisa emergiram dados que indicam a necessidade da EA como disciplina.

3.4.1 Disciplinas com abordagens em Educação Ambiental

A EA no contexto da escola foi questionada através de algumas perguntas, uma delas referindo-se às disciplinas que de acordo com os professores poderiam contemplar esta temática, sendo questionado: 12) “Do seu ponto de vista, quais são a (s) matéria (s)/disciplina (s) que precisam contemplar a Educação Ambiental?”; 13) “Em qual matéria/disciplina você costuma trabalhar a temática EA? Porquê você utiliza esta matéria/disciplina?” Com isso, buscou-se conhecer a compreensão dos docentes sobre a abordagem da EA nas diferentes disciplinas.

Percebemos que, a maioria das disciplinas foram citadas pelos docentes, dentre as que apareceram com maior frequência foram em ordem decrescente, a disciplina de Português com uma frequência de 31 vezes; Matemática, com uma frequência de 30 vezes; Geografia, com uma frequência de 29 vezes; Ciências, com uma frequência de 27 vezes; História, com uma frequência de 13 vezes; Arte e o JEPP citados apenas três vezes, cada um. Além disso, alguns docentes afirmam através de outros descritores, que a EA precisa ser contemplada em: *“todas as disciplinas; tudo pode ser integrado; interdisciplinar; não teria uma matéria/disciplina específica”*, com uma frequência de 27 vezes. Ainda têm-se outros descritores, em que afirmam que as disciplinas que precisam abordar a temática são *“quase todas; nas outras; têm várias; mas as outras podem utilizar integrado”*, com uma frequência de 9 vezes. Todas essas disciplinas, somadas as frequências que foram mencionadas, chegam a um total de 172 vezes. Pelo depoimento da maioria dos professores é possível compreender

que o ensino da EA nas diferentes disciplinas é visto como possível, pertencente ao cotidiano escolar dos docentes e dos alunos que frequentam às duas escolas envolvidas na pesquisa, demonstrando um ponto positivo na construção de sujeitos capazes de compreender a importância do meio ambiente. Entretanto, eles não apontam que trabalham com a temática e como fazem isso quando abordam o “todas”, ficando a impressão de que não realizam um ensino transdisciplinar e direcionado ao ensino/aprendizagem da EA. O PS afirma:

PS: É a Língua Portuguesa, [...] vou falar dentro da minha área, que as outras eu não tenho conhecimento, mas eu acredito que a Língua Portuguesa também têm condições de fazer esse tipo de abordagem. Olha de repente em forma de gráficos na matemática também, eu não tenho a experiência das outras disciplinas.

O docente afirma que é possível abordar a EA dentro da sua área de formação, por possuir mais conhecimentos sobre a área da Língua Portuguesa do que das outras áreas. Além disso, destaca não possuir experiência em outras disciplinas, mas ele tem uma compreensão sobre o modo como ela pode ser trabalhada em outras áreas. No entanto, apesar das constatações deste relato, é preciso valorizar as diferentes áreas na abordagem da EA, e ressaltar que além da transversalidade, a compreendemos como uma temática social, que visa identificar sobre a importância dela ser abordada para auxiliar na sobrevivência da espécie humana e da vida no planeta.

Observa-se, também, uma restrição no ensino da EA, às disciplinas como História e Geografia, as quais teriam mais abordagens presentes nos livros didáticos:

PI: É a Geografia, a História, mas dentro disso, a gente não foge do Português, de trabalhar também o meio ambiente em cima de historinhas, em cima de relatos, de textos informativos, é trabalhado e é abordado na Matemática também, na contagem. Que nem agora, a gente trabalha o meio, o município e dentro disso a gente conta, a gente trabalha a Matemática fazendo a contagem, de quantas árvores tinha, quantos foram cortados, ficou tantos. Então a gente faz é essa [...] em todas as disciplinas, se você for ver em livros, seria mais, você encontra mais na Geografia e na História, mais até na Geografia, mas é abordado em todas as outras disciplinas.

PI aponta a abordagem da EA nas disciplinas Geografia, História, Português e até mesmo na Matemática, porém, destaca que observa nos livros (provavelmente os livros didáticos), o ensino da EA voltado mais especificamente para as disciplinas de Geografia e História. O mesmo aponta encontrar mais abordagens em Geografia e História, no entanto, afirma que a temática é abordada em todas as disciplinas. Por conta dessa resposta ampla e até

mesmo contraditória questiona-se: será que esse docente tendo o conhecimento de algumas abordagens (conforme relatou) nas disciplinas citadas, realiza a abordagem da EA em todas essas matérias como mencionado?

A EA pode ser abordada nas diferentes disciplinas no momento do ensino. Porém, com uma perspectiva direcionada para o ensino da EA na disciplina de Ciências, o PL afirma:

PL: A que mais pode ter um enfoque seria Ciências, mas as outras também eu posso [...] posso utilizar, porque por exemplo, em Geografia, você está trabalhando relevo, paisagem, vai necessitar de uma Educação Ambiental para você saber que as coisas se transformam pela ação do homem no meio ambiente. Então eu acho que a mais seria Ciências, mas as outras podem utilizar integrado esse assunto relacionado ao meio ambiente. Eu por exemplo, eu uso Português, gente procura textos relacionados ao meio ambiente, a gente procura algum texto, então tudo pode ser integrado, acho que não teria assim, uma específica, você pode usar a Educação Ambiental em todas elas.

Nesta resposta, há o argumento de que a disciplina que teria a maior responsabilidade pelo ensino da EA, é a de Ciências. Mas, PL afirma que as outras disciplinas também podem abordar este tema, fazendo uma integração no momento em que os conteúdos são ensinados. O que pode ser observado nesta pesquisa, é que nem sempre é em Ciências que a EA é mais abordada, pois no contexto em que o planeta se encontra, a temática está inserida no cotidiano escolar e, também por se tratar de um tema transversal, que na verdade encarrega a todas as disciplinas à realização de abordagens integradoras, geradoras de conscientização e sensibilização.

Neste sentido, não podemos aqui afirmar que seria dever específico, ou teria uma maior responsabilidade para a disciplina de Ciências a realização de abordagens em EA. Para isso, reforçamos a importância de abordagens interdisciplinares e transdisciplinares no decorrer do ensino da temática, ampliando e garantindo que na escola se faça presente de maneira igualitária a função de desempenharmos um ensino socioambiental.

Compreende-se que por se tratar de um tema transversal, qualquer disciplina pode realizar abordagens em EA, desde que seja de forma contextualizada e favoreça a compreensão dos alunos. Conforme Jacobi (2005, p. 246) “o conhecimento transdisciplinar se configura como um horizonte mais ousado de conhecimento”, pois quando se ensina transdisciplinarmente, apoia-se no conhecimento capaz de perpassar todas as disciplinas ao mesmo tempo que é capaz de dialogar com cada uma delas. Essa compreensão é reiterada por PA, PF e PV ao afirmar que a EA pode ser abordada em todas as matérias:

PA: Todas [...] porque não tem como você trabalhar um texto em Português que fala de meio ambiente se você não vai falar dessa questão. Matemática você pode trabalhar os números relacionados ao meio ambiente [...] Geografia [...] é tudo relacionado, acho que todas elas podem ser trabalhadas nesse assunto.

PF: Eu acho que todas, a gente não tem como ficar alheio ao lugar em que a gente vive, assim, não determinar que seja uma disciplina, uma matéria que trabalhe, acho que no dia a dia a gente vai trabalhar dentro de todas as disciplinas, você engloba muito, a gente trabalha muito a parte interdisciplinar dentro de projetos, então por mais que você não está trabalhando a disciplina de Ciências, ele tá trabalhando Português com textos, Matemática com os valores, com as porcentagens, com as medidas, tudo vai envolver a EA.

PV: É Ciências, Português que conforme o texto que nós trabalhamos e entraria também Matemática, no que o professor quiser na verdade ele pode encaixar Educação Ambiental. Pode ser na Matemática, contando árvores reflorestadas, peixes mortos por algum tipo de desastre, situações-problema, em Arte dá pra fazer desenhos, teve uma vez que eu trabalhei com a Chapeuzinho Vermelho, mas ela não estava mais na floresta, ela estava num lugar que só tinha toco, porque tinha sido desmatado, se é isso que eles querem contar para os filhos deles, qual é a história. Então tem várias, acho que em todas as matérias se a gente pensar um pouquinho dá para encaixar a Educação Ambiental sim.

O PA destaca que há a possibilidade de ensinar qualquer que seja o conteúdo, abordando a EA, e até aponta algumas disciplinas como exemplo, confirmando que todas elas podem sim, abordar EA. O PF também confirma um posicionamento semelhante a PA, mas argumenta que não há possibilidade de se ter uma disciplina específica para isso, e exemplifica trabalhar com a interdisciplinaridade por meio de projetos, destacando ainda que apesar de o professor não ser regente da matéria de Ciências ele trabalha indiretamente esta temática em outras disciplinas. Além disso, têm-se ainda os depoimentos de PV que apontam que essa temática em estudo pode ser abordada em qualquer matéria, basta apenas o professor querer fazer isso e se propor a articular inúmeras situações cotidianas que podem ser feitas para efetivar o ensino da EA.

Percebe-se a visão dos docentes sobre a abordagem da EA nas diferentes disciplinas, reforçando a ideia de trabalhar a temática usando diferentes atividades, mas sempre relacionando-as com a disciplina envolvida. Jacobi afirma que existe “a necessidade de se articularem ações de educação ambiental baseadas nos conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação, além de práticas interdisciplinares” (2005, p. 242). Reforçando a ideia apontada pelos docentes, devemos ter a EA presente no cotidiano escolar, a fim de que possamos contribuir ou ao menos tentar propor mudanças nas atitudes cotidianas dos alunos para com o meio ambiente.

Uma postura mais ampla no que diz respeito ao ensino da EA, é perceptível na resposta do PU:

PU: Na minha opinião todas, não é só de dizer assim, ó: ah Ciências, não! Porque a EA, o meio, é tudo o que a gente vive. Então eu acho que sempre eu tenho que tá, não é ah eu to trabalhando o Português, então não é o meu papel, não! É meu papel sim, independente da onde eu estiver, eu preciso, começando lá da minha casa e vindo pra sala de aula, as pessoas que estão ao meu redor, enfim, no Português, na Matemática, somando, multiplicando, dividindo o que a gente pode fazer, o que tem no espaço, na Ciências, na Geografia, trabalhar o antes e o depois, tudo, porque não tem como você trabalhar deslocado da nossa realidade, eu penso assim, é a minha opinião.

O PU destaca que o ensino da EA não pode ser somente tarefa do professor da disciplina de Ciências, mas sim dever de todas as disciplinas. Além disso, frisa que é dever de nós cidadãos, em qualquer lugar que estivermos abordar a EA, tê-la presente em situações cotidianas e ainda complementa afirmando que ela deve se relacionar diretamente com as situações diárias, ou seja, devem caminhar juntas para que o resultado seja melhor alcançado.

Essa percepção é interessante para se observar a visão desse docente quanto ao seu papel de cidadão responsável e comprometido, transpondo ações nas diferentes disciplinas do espaço escolar. Neste sentido, caracterizamos a interdisciplinaridade presente no momento do ensino-aprendizagem apontado pelos docentes, configurado quando citam diferentes disciplinas possíveis para a realização de abordagens em EA.

Após essa discussão das disciplinas com abordagem em EA, percebemos que a maior parte dos professores reconhecem que a temática é de fato interdisciplinar, mesmo não a indicando com estas palavras. Com isso, é possível afirmar que existe uma preocupação com a abordagem da EA no EF I nas escolas em estudo, e fica perceptível que os docentes apontam poucas alternativas concretas para a EA, mas citam algumas sugestões, em que preocupam-se em encontrar alguma maneira para tentar transformar os pensamentos e as atitudes dos seus alunos, visando contornar as situações que acometem o meio ambiente diariamente. Além disso, nesta pesquisa não é possível identificar o porquê os professores utilizam mais abordagens em EA em determinadas disciplinas e não em outras. O que nos leva a argumentar acerca da amplitude e complexidade da temática EA, necessária de ser problematizada em outras pesquisas ou pesquisas futuras.

Conquanto, as discussões se estenderam para além da EA transdisciplinar, em que visou identificar se caberia na percepção dos docentes, ser trabalhada em uma disciplina de maneira específica.

3.4.2 A Educação Ambiental como disciplina

A abordagem da EA precisa estar presente no contexto escolar, conforme citado anteriormente ela deve transpassar as disciplinas. Essa abordagem foi questionada aos docentes, para compreender o ponto de vista deles com relação a possibilidade de abordar a EA como uma disciplina específica. Para isso, questionou-os: 14) “A Educação Ambiental deve ser uma disciplina?” Obteve-se respostas que favorecem e aprovam a sua abordagem como uma disciplina nas escolas.

A maioria dos docentes apoiaram e afirmaram que a EA deveria ser uma disciplina, onde podemos observar este aspecto na US 5, da Tabela 2, com uma frequência de 29 vezes em que surgem nas falas de 12 dos 13 entrevistados, e apenas uma resposta de rejeição por parte dos docentes, mas esse apoio é bem inferior se comparados com a US 4 da Tabela 2. Além disso, surgem, alguns descritores de dúvida e de falta de alternativa, os quais são “*não sabe; não sabe como implantar; complicado; difícil; falta de tempo*”, aparecendo com uma frequência de 23 vezes e, também aparecem nas respostas, descritores que favorecem a EA como disciplina, os quais são, “*trabalhar a EA; as crianças precisam; importância*”, que somados alcançam uma frequência de 21 vezes.

Todos esses descritores somados, alcançam uma frequência de 73 vezes, o que não representa nem mesmo a metade da frequência total em que os docentes afirmam utilizar a EA nas diversas disciplinas que ministram, contrapondo-se a perspectiva de abordagem da EA em uma única disciplina. Uma vez que o ensino desta temática foi apontado pelos próprios docentes como uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar, o que pode ser comprovado através da observação da US 4 da Tabela 2, pela frequência total de 173 vezes, em que eles afirmam utilizar as diferentes disciplinas para abordar EA. Isso soa como uma ação desenvolvida diariamente por estes professores dentro da escola, reforçando a temática como uma abordagem transversal. Abordagem que também é defendida nesta pesquisa, que valoriza a transversalidade e também a interdisciplinaridade da EA, jamais a necessidade de uma disciplina específica.

O Artigo 2^a, da Lei nº 9795 (PNEA) reforça que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”, impulsionando a ideia de trabalhar essa temática de forma direta, contemplada na escola e de forma indireta, podendo ser apreendida em casa. Isso demonstra os diferentes

contextos em que a EA pode ser fundamentada e atrelada às ações rotineiras, atribuindo força no que se refere a implementação de práticas sustentáveis, para que tenham como alvo o próprio aluno e até mesmo a sua família.

Para isso “é necessário defender a EA visando a uma leitura crítica e reflexiva da realidade, uma participação ativa e consciente da sociedade, o exercício pleno e responsável da cidadania” (PEREIRA et al, 2013, p. 96). Essa defesa da EA é capaz de promover o aprendizado mútuo e conjunto dos indivíduos na escola, ultrapassando as barreiras impostas por uma matéria específica e, indo além das quatro paredes da sala de aula, ou seja, atribuindo significados às atitudes cotidianas que desempenhamos socialmente, tornando os alunos, capazes de exercer atitudes frente às problemáticas que assolam a sociedade em plena crise ambiental, em que muito se discute, mas pouco se faz.

Outro apontamento que surgiu em decorrência da possibilidade da EA enquanto disciplina, é a maneira como seria implantada essa disciplina de EA nas escolas. É perceptível na resposta do PA, o seu posicionamento favorável da EA como disciplina, bem como a fragilidade dos argumentos usados a favor da proposta. Além disso, PB, PS e PL reiteram a proposta da EA como uma disciplina específica, destacando os benefícios que ela traria para o ensino:

PA: Acho que sim, não sei como seria implantado isso, mas assim... as crianças precisam ter essa noção, precisam aprender, porquê o que vai ser desses seres daqui uns anos se eles não tiver [...] é complicado essa questão, é difícil, mas como disciplina eu acho que poderia sim, agora como que isso poderia ser implantado é uma outra questão, de pensar como, mas a gente trabalha dentro do conteúdo.

PB: Acho que seria bem legal ter uma disciplina só de EA, acho que sim. É porque assim, para as crianças já irem aprendendo, porque assim, na matéria de Ciências engloba muitas outras coisas, a gente tem que trabalhar um pouquinho de tudo e acaba sendo muito conteúdo pra pouco tempo. Assim se tivesse uma disciplina, só sobre EA daria pra trabalhar mais em cima e quem sabe as crianças dariam mais importância pra esse conteúdo.

PS: Olha, até pode ser, porque quando você fala EA, tem tanta coisa que envolve, porque nós só passamos [...], como é que eu vou te dizer, só uma pinceladinha, a gente dá no conteúdo. Só que se tu for analisar, tem muito mais coisas que pode ser abordados, várias coisas, que a gente não faz isso, e às vezes deixa a desejar mais pra frente. Então, acho que se tivesse só uma disciplina pra isso, ia ficar muito mais rico o conteúdo na escola.

PL: Eu acho que poderia, porque pelo fato da importância que ela têm perante a nossa [...], o que a gente percebe? Há tantos anos que vem se falando da preocupação que se tem com o meio ambiente, e a gente vê que ele vem se degradando, então quer dizer que não está gerando a consciência que precisa, então eu acho que poderia ter uma matéria específica em EA.

Na resposta de PA, observa-se que há uma incerteza de como fazer acontecer essa disciplina específica de EA, ao mesmo tempo em que assume um posicionamento da importância de os alunos ter esse conhecimento. Está aí a necessidade de se posicionar frente às dificuldades encontradas no contexto escolar, apresentar soluções a essas dúvidas recorrentes, pois se o próprio docente possui dúvidas, parte daí a falha na implementação da EA como temática transversal, dificultando e muitas vezes impedindo a sua abordagem.

Mesmo com as fragilidades nos argumentos de como a EA enquanto disciplina se daria PB, PS e PL, remetem a importância da EA como disciplina específica. PB destaca que a disciplina de Ciências poderia realizar essa abordagem, mas a proposta dessa disciplina abrange inúmeros conteúdos, que também são abordados de maneira rápida e sucinta, para que os alunos consigam ter acesso a essas informações, ou pelo menos ter uma breve noção. Essa grande quantidade de conteúdos acompanhada com a pequena carga horária da disciplina, é que muitas vezes impede o docente de realizar um trabalho mais aprofundado em sala. Além disso, reforça a ideia apontada pelos próprios docentes, de que uma disciplina específica de EA poderia auxiliar no processo de compreensão e de construção de valores cidadãos que respeitem e aproximem os alunos para um contato mais saudável com o meio ambiente.

O posicionamento de PS afirma a existência de uma abordagem transversal e interdisciplinar da temática, mas novamente remonta a necessidade da disciplina específica em EA, devido a importância da temática na atualidade e da urgência em propormos mudanças nas atitudes humanas, iniciando esse processo no campo educacional. Ademais, reforça o que PS afirmou sobre a falta de tempo para o professor ensinar os conteúdos, destacando sobre o recorte que é feito no momento em que o conteúdo é trabalhado, deixando muito a desejar, o que podem ser refletido futuramente em atitudes e olhares negativos dos alunos para com a natureza. Para isso, ele assume que a EA como disciplina poderia melhorar essa situação, garantindo a sua abordagem, oportunizando mais tempo para debates e explicações, e trazendo uma maior eficácia ao ensinar a temática.

PL também concorda com a ideia de ter uma disciplina específica para EA. Para isso, ele contextualiza um pouco sobre as atuais e crescentes situações em que se encontra o meio ambiente, afirmando que está faltando algo no decorrer do processo do ensino ambiental, a formação cidadã que visa sensibilizar o ser humano está falhando em alguma parte, pois se existe tanta falta de respeito e cuidados para com o meio ambiente, para a qual precisamos propor alternativas que auxiliam o processo de mudanças dessa situação. O docente ainda

reforça que a solução para propor melhorias poderia ser a efetivação da EA como disciplina, Bernardes e Prieto afirmam que “sua inclusão, como disciplina, poderá produzir resultados mais efetivos para a tomada de consciência sobre a necessidade de preservação do meio ambiente ou do desenvolvimento sustentável” (2010, p. 177). Neste sentido, destacamos que esta seria uma forma de auxiliar na sensibilização humana com mais eficiência, ou seja, poderia acarretar em mudanças de hábitos voltados à conservação e ao cuidado com o meio ambiente.

Essas indefinições de quem deve abordar a EA, resultam em situações que apontam o descaso para com o meio ambiente. No entanto, precisa-se perseverar e continuar esse trabalho, sempre na busca por caminhos que visem resultados que objetivem mudanças de atitudes e de pensamentos pessoais, que podem ser refletidos em benefícios sócio ambientais. Destacamos que a implementação da EA como disciplina, certamente não se faria necessária se houvesse uma adesão maior por parte dos docentes, a implementando no ensino como tema transversal.

Entretanto, para solucionar essas preocupações com relação a EA no ensino básico, conforme o posicionamento da maioria dos docentes, surge como uma alternativa a implementação de uma disciplina específica que aborde essa temática. Conforme Bernardes e Prieto (2010) “ainda persistem diversas proposições de lei com o intuito de criar a disciplina específica de Educação Ambiental” (p. 177). Isso se deve muitas as vezes, ao fato de a EA, não ser abordada em sala, tornando inviável a ideia de tê-la apenas como um tema transversal.

Nesse sentido, a implementação poderia vir a contemplar as necessidades que não são atendidas através da inter e da transdisciplinaridade no ensino formal, e que muitas vezes nem sequer é abordada desta forma. Apontamos que a ausência e até mesmo as dificuldades em implementar a EA de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, podem estar atreladas a necessidade imposta em se ter um domínio mais abrangente do conteúdo a ser apresentado aos alunos, o qual deverá ser apresentado de maneira clara, diversificada e abrangente. Desta forma, contrapondo esse contexto de invisibilidade e de dificuldades, a EA como disciplina beneficiaria o próprio aluno, que aprenderia conceitos, valores e conhecimentos remetidos ao campo ambiental e complementados com as vivências cotidianas deles mesmos.

Para assegurar que podemos propor melhorias para às problemáticas ambientais recorrentes, precisamos ter um direcionamento, que de acordo com Pereira et al, é preciso que haja “a reflexão acerca de tudo isso tenciona na direção de se fazer algo, de algum modo e com algum sentido, com vistas a estabelecer uma nova maneira de interagir no mundo” (2013, p. 96), propomos isso ao encargo da EA.

Além disso, dentro das bases legais para o ensino da EA, traz-se a proposta de transversalidade apontada nos PCNs, em que “pretende-se que esses temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade” (1997, p. 29), ou seja, de acordo com o documento a ideia da EA ser abordada em todas as disciplinas permanece, não necessitando de uma disciplina específica para que ela seja trabalhada. Além disso, essa integração no ensino da EA precisa contemplar as situações que permeiam a sociedade e se relacionar de maneira direta com elas, propondo mudanças no pensamento sócio ambiental dos alunos.

Na sequência serão apresentados propostas para aplicação da EA no decorrer do ensino básico no EF I. Serão discutidos os caminhos possíveis para viabilizar a prática escolar ambiental, destacando aquilo que já é realizado no cotidiano escolar e trazendo novas alternativas que poderão ser aplicadas nas escolas.

3.5 CATEGORIA III: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA EA

Como discutido na Categoria II o ensino da EA é uma tarefa que é de dever de todos nós enquanto educadores. Desta forma, precisamos abordar esta temática no decorrer do ensino em sala de aula. Para que isso se realize, são diversos os caminhos possíveis, dentre eles, podem se destacar o ensino através de projetos e como já discutido, a temática discutida transversalmente e interdisciplinarmente no decorrer do ensino.

Buscando conhecer a realidade destas duas escolas participantes da pesquisa, vamos discutir os tópicos 3.5.1 Abordagem para Educação Ambiental e 3.5.2 Projetos que envolvam/abordam a Educação Ambiental.

3.5.1 Abordagens para Educação Ambiental

O ensino da EA precisa ser dinâmico e atender as demandas sociais existentes no contexto em que a escola se insere. Neste sentido, precisa-se pensar em alternativas que visem contemplar a realidade sócio ambiental que o aluno conhece e convive. Contemplando essa realidade, podemos fazer isso utilizando diferentes abordagens e alternativas metodológicas, dentre as quais podemos destacar o debate em sala, atividades práticas dentro e fora da escola,

saídas a campo para conhecer as problemáticas, filmes e documentários que tratam a temática, textos, cálculos entre outras estratégias.

Para conhecer as alternativas encontradas pelos docentes para trabalhar a EA, algumas perguntas foram feitas: 15) “Você trabalha questões regionais relacionadas ao meio ambiente?”; 16) “Você considera importante e necessário o ensino da Educação Ambiental para os alunos? Justifique”; 17) “O ensino necessita constantemente de metodologias diversificadas e que ao mesmo tempo, sejam capazes de promover o aprendizado. Com isso, quais são as atividades que você desenvolve que contemplam a EA?” Nesta ordem, as respostas a essas perguntas serão discutidas na sequência.

Em resposta à questão 15), a grande maioria dos entrevistados afirmam que abordam questões regionais na sala de aula. Sobre isso, PB afirma:

PB: Sim é [...], principalmente agora que eu peguei as aulas do interior. Então, eu tenho que trabalhar meio que direcionado pra realidade deles que, querendo ou não é uma realidade diferente da nossa. E também procuro trabalhar, como a cidade é pequena, procuro trabalhar mais os exemplos aqui da nossa cidade, porque não adianta ficar dando exemplos tipo de São Paulo, Rio de Janeiro, sendo que eles não vivem lá, eles não sabem qual é a realidade de lá.

É perceptível nesta fala que as questões regionais sobre meio ambiente abordadas em sala estão diretamente relacionadas ao município, e remetem a realidade em que o aluno se insere. Assim, o docente cita exemplos de cidades distantes, reforçando a proposta de que não adianta muito apontar sobre o que o aluno não conhece e sim, tratar sobre o que permeia o seu cotidiano, aproximando-o dos impasses que sofremos e propondo alternativas e sugestões de mudanças de hábitos, demonstrando até mesmo na prática que somos capazes de resolver pequenas situações e gerar possíveis contribuições para o meio ambiente.

Nessa perspectiva, Saheb e Rodrigues afirmam que “considerando que o ensino é uma prática com decorrências sociais, assumir como referência o ponto de vista dos professores, configura-se como importante elemento para a avaliação das propostas de Educação Ambiental realizadas nas instituições de ensino” (2017, p. 2), por isso, da importância de conhecer as ideias e sugestões dos professores para abordar a EA advindas do próprio contexto escolar. Apresentando alternativas aos alunos ao abordar questões regionais dentro da escola, trazemos a realidade da qual fazemos parte, facilitando a compreensão.

PI: Sim, a gente entra, que nem na agricultura, quando é trabalhado o mosquito da dengue, tem haver com o meio ambiente, tudo relaciona, quando a ta muito quente, a gente até comenta com as crianças, o que é o efeito estufa, pelo desmatamento, a gente vai comentando, não que muitas

coisas não é registrado em caderninho pequeno, não vale tanto o registro, e sim a conversação.

PC: Com certeza, muitas, muitas vezes é trabalhado isso, e o aluno gosta de trabalhar esse tema, muito muito bom de trabalhar e, que dá assim, a gente se sente realizado em fazer esse trabalho. Nós vivemos mais da agricultura, então o nosso lugar, aqui da nossa região, é fácil de trabalhar com a criança porque ela convive nesse meio, então quando a gente fala desse assunto ela sabe sobre o que a gente está falando, fica bem mais fácil de trabalhar, tanto mostrando em mapas, como trabalhando em livros didáticos, a criança lê mas ela sabe daquilo que a gente está falando, então fica um tema fácil de ser trabalhado.

Dentre as diferentes maneiras de se abordar a EA no decorrer do ensino, uma das maneiras encontradas por PI é a de trazer para o contexto da sala de aula diferentes características negativas que confirmam o processo de degradação ambiental, como por exemplo o mosquito transmissor da Dengue - *Aedes Aegypti*, e o efeito estufa. Para essas abordagens, existe um debate formulado em contato com os alunos, para que possam compreender o porquê que esses e tantos outros agravantes citados por PI ocorrem. Essa alternativa de ensino auxilia no processo de discussões conjuntas entre professor e aluno, em que há uma troca de conhecimentos, os quais são complementados no momento em que ocorrem.

Todavia, no contexto dessa mesma resposta, a professora destaca que geralmente o que é abordado sobre EA não é relativamente anotado no quadro e no caderno dos alunos, mas afirma que o debate na sala de aula é considerado mais significativo, pois, quando o aluno participa ativamente do processo, ele aprende mais, pois compreende melhor as situações em que foi sujeito participante no ensino/aprendizagem. Logo ao se deparar com situações semelhantes a essas, saberá como agir, e procurar promover mudanças.

Entretanto, confrontamos essa ação de PI, a qual consideramos como uma ação negativa para o momento do ensino, pois o registro de pelo menos parte das explicações precisa acontecer, para que depois o aluno possa voltar ao seu material e rever os conceitos. Essa alternativa que propomos, seria benéfica para auxiliar na fixação dos conteúdos, fazendo com que os conceitos fossem revistos e até mesmo complementados, efetivando o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, essa fala docente deixa a impressão de uma “justificativa” para não assumir o trabalho que precisa realizar na escola.

PC afirma que a EA vem fazendo parte da formação dos alunos e que isso também precisa ser confrontada com a realidade deles. Nesse contexto, o professor se identifica com a temática e que isso muitas vezes se deve ao contexto em que vivem, por ser uma cidade pequena, conhecer a agricultura, por exemplo, participam dessa realidade, sem contar que há

uma particularidade em ensinar quando o aluno tem propriedade para participar desse diálogo, que se torna mais enriquecedor e complementa aquilo que ele já conhece.

Com relação à pergunta 16), com unanimidade, todos os docentes afirmaram que é importante e necessário o ensino da EA para os alunos, isso se confirma quando ele apontam que abordam a temática no ensino, aparecendo isso com uma frequência de 116 vezes nas respostas dos docentes. Isso corrobora com o Artigo 3^a, da Lei nº 9795 (PNEA) o qual determina que “como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental” (1999), ou seja, a EA deve fazer parte do currículo escolar, enriquecendo as possibilidades de aprendizagem do aluno, influenciando ações sustentáveis nos mais diversos espaços do meio social.

Neste mesmo contexto de ensino vale a pena destacar que são inúmeros os conteúdos que podem ser abordados dentro da EA. De acordo com Reigota “o conteúdo mais indicado é aquele originado do levantamento da problemática ambiental vivida cotidianamente pelos alunos e pelas alunas e que se queira resolver” (2014, p. 64), podemos destacar a importância do diálogo entre professor e aluno na sala de aula, para que os impasses que existam dentro de cada realidade em que os alunos vivem, possam ser conhecidos e trazidos para o contexto da sala de aula. Desta forma, alternativas que visem melhorias podem ser dialogadas, enriquecidas e possibilidades através dessa troca de conhecimentos. PL e PU destacam sobre a importância de abordar a EA na sala de aula:

PL: Sim. Confirmando pelo que eu respondi nas outras também, que como a gente depende totalmente do meio ambiente, a gente precisa, e o que a gente percebe do que tá acontecendo, pela ação do homem a gente está degradando cada vez mais, então é importantíssimo, seria quase que primordial trabalhar a questão do meio ambiente.

PU: É aquilo que eu disse antes, eu acho importante sim, deveria ter, mas que seria algo assim, bem difícil, tanto pra nós que estamos todo dia vivendo essa realidade onde os pais não conversam, não tem essa realidade presente e muitos deles assistem alguns tópicos de algumas coisas e acham que aquilo que ele assistiu aquele dia, que não lê, que muitas vezes não tem internet – nós temos essa realidade bem presente, e aí tu vai bater de frente com os pais, tu tá quebrado né. Então isso é bem difícil, eu diria, mas bem desafiador.

Com relação a essas contribuições deixadas pelos docentes, PL afirma que primordialmente a EA é bem vinda no ensino, considera quase que urgente abordar a temática. Ao observarmos a realidade ambiental sob a qual estamos sujeitos, ela têm ligação direta às atitudes diárias que desempenhamos contra o meio ambiente, como por exemplo jogar lixo fora do local adequado, ou mesmo realizar a queima de um material reciclável, ao

invés de destinar esse ao local adequado. Considera-se certas atitudes como essas citadas, degradantes, e claro, são elas que agravam a situação já fragilizada do ambiente natural e, se somadas todas essas atitudes a nível mundial, podemos entender o quanto isso pode ser prejudicial a manutenção da vida em todo o planeta.

Conhecendo as mazelas que assolam a sociedade em que nos inserimos é um ponto importante para auxiliar no processo de mudança de hábitos prejudiciais ao meio ambiente. Mas mais importante que isso, é a EA auxiliando nesse processo de sensibilização dentro da escola, que conforme Lopes ela atua na “busca de uma nova postura que direcione o convívio em conformidade com a natureza e os seres-vivos nela contidos, dando assistência ao aluno para uma realização crítica do comportamento do homem, que tem levado à degradação inconsequente dos recursos naturais” (2011, p. 22). É esse processo sócio educativo que precisa acontecer dentro da sala de aula, o aluno precisa entender qual é a sua função, o seu papel na sociedade, e se ater aos insucessos que o homem já realizou e vem realizando, propondo uma nova maneira de enxergar meio ambiente tão debilitado e sem muitas expectativas de restabelecimento.

Com essa contextualização na escola, buscamos conjuntamente mudanças. De acordo com Queiroz, “o campo de luta do educador que visamos formar deve estar orientado para uma gestão ambiental democrática, que se contraponha aos privilégios de poucos, combatendo a exclusão social e promovendo a construção de sociedades saudáveis” (2010, p. 196), ou seja, essa proposta de sensibilização do aluno visa inúmeras reflexões no amplo espaço social do qual faz parte, reforçando a necessidade de igualdade democrática, ao mesmo tempo que sintoniza o indivíduo de que é importante lutar por valores que aprimorem a nossa função social de responsabilidade para com aquilo que também nos constitui: o meio ambiente.

O educador frente a temática, conforme Alencar “é peça chave no processo de Educação Ambiental por carregar consigo o papel fundamental de intermediário na edificação de referências ambientais e saber usá-la como ferramenta para a ampliação de uma prática socioambiental centrada no conceito de natureza” (2015, p. 60). Ou seja, o professor ao ensinar a EA torna-se um exemplo para o aluno, e precisa se apropriar desses conhecimentos para então conseguir ensiná-los.

Com relação à pergunta 17), a qual tratava sobre as atividades desenvolvidas pelo docente com abordagem em EA, aparecem várias alternativas. A soma total dessas atividades, alcança uma frequência de 100 vezes, como pode ser observada na US 6 da Tabela 2. Com relação a essa pergunta PR, PE afirmam:

PR: Na sala de aula então, a gente trabalha assim, geralmente com textos, como eu te falei, com cartazes, eles dando o exemplos, eles escrevendo, relatando o que eles veem, nossos alunos que vem com o ônibus, eu peço pra eles observar: observem na natureza o que vocês veem quando vocês estão dentro do ônibus até chegar na escola, aí eles me falam a primeira coisa: garrafa pet, as embalagens de salgadinho, de bala, de chicletes, que é o que eles mais consomem e, nesse ponto também. E também eu gosto de fazer com eles aqui na comunidade mesmo, na região aqui da escola, fazer um passeio, uma caminhada para analisar, até pode ser feito uma coleta destes utensílios que estão jogados aqui, em volta da escola e da comunidade.

PE: Em Português a gente trabalha bastante em cima de textos, sobre, um texto específico, meio ambiente né, e daí já, eu trabalhando o texto, vou citar um exemplo, a destruição do meio ambiente né, eu lá trabalho a gramática e interpretação, em Geografia já, a gente vai em meio ambiente mesmo, daí já puxa desmatamento, já puxa reciclagem, já puxa o problema do lixo que é um problema sério e já fala das doenças também, que entra em Ciências, então a gente não consegue se desligar muito entende, ah não, a professora de Ciências é dela isso aqui, na fala da gente tu acaba englobando tudo e na Matemática a gente trabalha mais, tipo, vamos supor uma doença, a dengue, porque da dengue, como que o foco de como ela se prolifera porque? Aí é estatística, daí teve um ano, o ano passado, daí eles passam se a gente liga no posto, eles passam tipo uma estatística de quantos no município, quantos na regional, aí é trabalhado uma estatística, mais simples P, tipo um gráfico por região assim, para ser impactante para eles, para eles ver, até por vezes a gente acaba até assustando eles, para eles ter uma consciência maior lá na casa deles, eu estou citando a dengue por que é um dos assuntos que mais aqui o município, veio sofrer com isso, quantas pessoas sofreram. [...] Ah, eu trabalhei nesse texto, eu trabalhei meio ambiente, conservação do meio ambiente, área urbana, área rural, a gente destaca, o que que eles percebem mais que tem área rural, eles sempre dizem pra gente, mais árvore professora, mais ar puro, vem deles isso, ar puro professora, é mais claro, e eu vou pedindo pra eles: qual é a diferença?

PT: Ah indiretamente às vezes a gente aborda sobre essa questão de desmatamento, poluição do rio, da água, através de vídeos explicativos, informativos, para os alunos estar prestando atenção e para eles perceberem o quanto é importante a preservação do meio ambiente num todo, desenho, pintura [...] nesse sentido.

Analisando a resposta de PR encontramos algumas opções de atividades realizadas cotidianamente por ela dentro da sala de aula. O interessante que ela aborda, é a EA para além da sala de aula, citando que solicita a eles fazer observações no ônibus durante o deslocamento até a escola, para que visualizem a situação em que o meio ambiente se encontra. Essas observações, podem sensibilizar o aluno, e ele pode começar a perceber que os responsáveis por essas atitudes negativas somos nós mesmos, e muitas vezes nos colocamos à mercê daquilo que nós mesmos provocamos no ambiente em que vivemos. Com

isso, o professor pode gerar consciência dos próprios atos dos estudantes e provocar possíveis mudanças.

As atividades desenvolvidas por PE, assim como PR, remetem a uma pequena parcela das possíveis existentes. O docente destaca que utiliza textos, a partir dos quais interpreta e explica sobre o conteúdo e usando da mesma alternativa metodológica, trabalha também a gramática. Destaca fortemente em suas palavras, que faz uma ampla ligação de explicações enquanto ensina, apontamos aí a abordagem da EA transversalmente, em que o docente consegue trazer essa abordagem de maneira provocativa, colocando os alunos a frente das propostas, a fim de que possam construir uma visão própria sobre o meio em que se inserem, e consigam se aproximar daquilo que geralmente passa despercebido. PT sugere que a abordagem pode ser feita através de vídeos, os quais demonstram com clareza as diferentes problemáticas ambientais e complementa que utiliza desenhos e pinturas, as quais auxiliam na expressão de compreensões do aluno acerca do tema.

A partir do momento em que o aluno se apropria da realidade, vai para a parte prática da vida social, ele começa a perceber que mesmo estando situado em um município pequeno, essas irregularidades ambientais também perduram, e que não é somente nas cidades maiores que os problemas ambientais existem. Algumas provocações precisam ser feitas para os alunos, as quais podem ser somadas às mudanças das suas práticas cotidianas, o que forma uma via de mão dupla, em que tanto o aluno contribui para a melhoria do meio ambiente - meio em que vive e fazemos parte - quanto o meio ambiente, se torna mais equilibrado e adequado para a vivência humana.

Além dessas abordagens voltadas para o ensino da EA, podemos trazer outras sugestões abordadas nas respostas dos docentes, que remetem principalmente a implementação de projetos, visando auxiliar a abordagem da EA na escola.

3.5.2 Projetos que envolvam/abordam a Educação Ambiental

Os projetos são uma alternativa que facilitam o processo de ensino, ao mesmo tempo em que auxiliam a assimilação dos conteúdos que estão sendo abordados. Para conhecer se nas escolas entrevistadas existia alguma atividade ou projeto em andamento ou com previsão para ser implementado, questionou-se aos docentes: 18) “Nesta instituição de ensino, existe alguma preocupação com relação à EA? Existe algum projeto que envolva ou aborde esta temática?” Surgiram nas respostas afirmações sobre a existência de projetos, a ausência de

projetos, esta tarefa é dever da disciplina de Ciências e, também sobre o planejamento de futuramente implementar projetos nas aulas.

Sobre às preocupações com relação à EA, tratando-se de projetos existentes (em uma ou mais disciplinas - em geral no contexto escolar) ou algo semelhante surgiram afirmações positivas sobre a presença destes no meio escolar. Assim, alguns descritores relacionados a possíveis manifestações para organização de projetos ou outras atividades semelhantes foram identificados: “*Planeja fazer projetos para os alunos nas próximas aulas*”, os quais aparecem com uma frequência de 21 vezes nos depoimentos. Com relação a existência de projetos, foram identificados estes descritores: “*existe projeto; preocupação; campanha; JEPP; Agrinho*”, os quais geram um total de 32 vezes presentes nas falas de seis dos treze professores. Já a ausência de projetos ou outra atividade semelhante, é percebida a partir de alguns descritores: “*não existe no momento; não há; não existe preocupação; não sabe se existe*”, os quais são citados por nove professores, e surgem em uma frequência de 25 vezes. Há uma disparidade bem grande nas respostas, em que nove docentes afirmam não existir nenhum projeto em andamento, e seis docentes citam que existe, sendo que três deles dizem ter e depois se contradizem, negando a existência dos mesmos. Além disso, um professor não se manifestou sobre existir ou não projeto envolvendo EA na escola em que leciona.

Com relação a presença de projetos nas escolas, e respectivamente a iniciativa de abordagens sobre a temática PC, PM e PU afirmam:

PC: Projeto assim pronto, daqui da escola nós não temos, mas o conhecimento do interesse do que é necessário se fazer, isso sim, todos tem e se trabalha assim, sem questionar tanto. O assunto a gente acaba trabalhando da mesma forma em sala de aula, por que a preocupação é constante com o meio ambiente, então, eu acredito que todos aqui da nossa escola tem essa preocupação e acabam trabalhando em sala de aula e mostrando pros alunos isso, passando pra eles essa preocupação e tentando achar uma forma de ajudar a solucionar.

PM: Sim, a gente está trabalhando na aula do JEPP, com os segundos e primeiros anos, como eu falei, nós vamos cultivar a nossa horta na escola, plantar árvores, que a gente fez já um passeio, então vai ser plantado árvores, o projeto da horta que vai ter, que os alunos vão é a gente juntamente com a escola, familiares, que envolva a família também que queira participar da nossa horta, do plantio a colheita [...] O terceiro ano a gente faz a reciclagem, vamos fazer os brinquedos. O quarto ano já é um pouquinho diferenciado, eles vão fazer a locadora de coisas que a gente poderia jogar fora mas não vai estar jogando, vamos resgatar. O quinto ano já é comidas, a importância da higiene e do meio ambiente e também de comer alimentos saudáveis, então também envolve meio ambiente. Dentro do JEPP em cada escola, em cada série se trabalha de uma maneira, primeiro ano uma maneira, segundo ano uma maneira, mas todos vai envolver o meio ambiente. Vamos a campo, fomos fazer um passeio ontem

inclusive, fomos visitar ontem lá, foi em Santo Antônio do Sudoeste, o viveiro de mudas então, como é cultivado desde, que as plantas são importantes para a vida, para a natureza. As crianças então, tem palestras, daí a partir da palestra você vai vim na escola, vai [...] a partir dessa palestra nós vamos fazer o que tem que ser feito né, as crianças vão se organizar, vão aprender o cultivo, a cuidar dessa planta, para preservar o meio ambiente. Além disso, nós temos assim, somos duas professoras, uma na parte da manhã e uma na tarde, temos a nossa coordenadora, e daí vem do SEBRAE que nos auxilia. Então, na verdade, eu e minha colega coordenadora, a gente se reúne uma vez por semana, toda tarde, e este outro coordenador do SEBRAE, ele vem a cada mês, quinze dias, ele vêm, acompanhar o nosso trabalho, daí é divulgado o nosso trabalho também, tudo divulgado, cada trabalhinho que a gente faz, a gente arquiva, mostra as crianças fazendo, tudo é muito bom. O JEPP é um projeto muito bom, espero que dê certo, que tenha resultados no fim do ano.

PI: Eu acho que o JEPP. O JEPP ele é uma disciplina que entrou, que vem do SEBRAE, que é trabalhado isso, é trabalhado o cultivo de chás, a reciclagem do brinquedo, a retirada do lixo do meio ambiente para fazer a reciclagem. Eu acho que o JEPP entraria como uma disciplina, um projeto trabalhado na escola, no meu ver eu acho que sim. E daí o Agrinho, que nós recebemos agora, essa semana que também aborda isso, é os dois projetos, fora o que a gente trabalha em sala de aula.

PC afirma que não há nenhum projeto dentro da escola que contemple a temática, mas está ciente que é necessário trabalhar desta forma com a EA, e reforça ainda que todos os professores possuem essa consciência da necessidade, mas simplesmente vão deixando passar, e sem se esforçar muito para implementar algo que atue neste sentido. No entanto, PC destaca que apesar de não existirem esforços dessa forma, como comentados anteriormente, os docentes não deixam de fazer esse trabalho dia a dia na sala de aula, e reconhecem que precisa haver esforços para tentar melhorar o meio em que vivemos ou ao menos impedir que algumas ações que o prejudiquem aconteçam.

Uma ação interessante e que almeja mudanças de atitudes foi citada por PM, a qual indica a presença do JEEP, que é um curso oferecido pelo SEBRAE, do Estado do Paraná. Conforme o SEBRAE ele é “destinado a fomentar a educação e a cultura empreendedora” (2017) e também “procura apresentar práticas de aprendizagem, considerando a autonomia do aluno para aprender, além de favorecer o desenvolvimento de atributos e atitudes necessários para a gestão da própria vida” (2017), o que neste caso, vem a complementar o ensino formal da escola de EF I.

Na sequência das respostas PM descreve um pouco das atividades que são desenvolvidas dentro de cada ano do EF I, e destaca a proposta desse programa do SEBRAE, que é a de ensinar algo sobre o meio ambiente. PM destaca que de acordo com cada ano do EF I, ela desenvolve esse trabalho de diferentes formas, sendo que para o 1º Ano, intitula-se

“O mundo das ervas Aromáticas”, e para o 2º Ano denomina-se “Temperos naturais”, nos quais as crianças colocam a mão na massa, e constroem em conjunto com a professora e com os familiares que queiram auxiliar nesse processo, uma horta na escola, e nessa, realizam o plantio de diferentes espécies de plantas, que eles mesmos vão cuidar até o momento que estiverem prontas para o consumo, o qual poderá ser na própria cozinha da escola, devolvendo a eles os esforços de seu “trabalho” e mais que isso, aprendizado. Além disso, a docente frisou que árvores também seriam plantadas na escola, o que consideramos importante, pois os alunos podem compreender a partir daí como é simples a atitude de plantar uma semente ou uma pequena muda, e ver de perto o quão grande e único, é o significado dessa forma de vida, a qual eles mesmos deram o passo inicial para que ela tomasse forma.

Para o 3º Ano, a temática do JEPP intitula-se “Oficina de Brinquedos Ecológicos”, e PM destaca que há uma abordagem voltada para a elaboração de brinquedos, os quais serão confeccionados pelos próprios alunos, utilizando materiais recicláveis como matéria prima principal. Dessa atividade podemos observar a importância que o professor têm em articular os seus conhecimentos com o que o aluno já sabe, buscando fazer uma ligação com as abordagens que preparou para estar trabalhando isso. Essa proposta de ensino, oportuniza ao aluno enxergar além de um simples material descartável, que não teria outra alternativa a não ser o próprio lixo, que poderá se tornar algo útil a ele, e que muitas vezes, oportuniza a capacidade de estabelecer um caminho com abertura de espaços viáveis e sustentáveis, principalmente em relação ao consumo em excesso.

Com o 4º ano trabalha-se a “Locadora de Produtos”, que traz a proposta de dar valor às coisas que para alguns já não tem valor algum. Desta forma, essa sugestão para o ensino, propõe que os alunos individualmente, tragam itens/produtos que utilizaram e já não utilizam mais, para que possam ser elencados em prateleiras - ou da maneira que for organizado, como uma espécie de exposição na escola, para que possam entre eles realizar a troca desses produtos, de acordo com os interesses individuais de cada um, sempre levando em consideração se o item escolhido terá uma utilidade ou não. A situação imposta nessa atividade, faz com que o aluno se posicione frente às suas próprias escolhas, aprendendo a reconhecer a importância dos recursos disponíveis, e principalmente ter a noção de que não significa que se ele não utiliza mais determinado produto, ele deverá ir para o lixo, e sim, propor essa ideia de troca, que é uma situação simples e que ele mesmo é capaz de realizar. O resultado disso, reflete em um consumo consciente de produtos e aponta para o caminho da sustentabilidade, em que precisamos consumir apenas o que é necessário, e não o supérfluo,

fazendo o aluno ir muito além do momento que lhe foi apresentado essa proposta, gerando possíveis reflexos em suas atitudes cotidianas.

A proposta para o 5º Ano é intitulada “Sabores de Cores”, e PM afirma que os alunos aprendem sobre diferentes situações, desde a higiene dos alimentos até mesmo a quais são os alimentos considerados mais saudáveis para o consumo humano. Com essas noções o aluno juntamente com o professor do curso do JEPP, aprende noções básicas sobre a higiene dos alimentos, como preparar receitas práticas, a importância de uma alimentação saudável para manter uma boa saúde do seu organismo como um todo. Essas abordagens agregam valores à vida dos alunos e transformam-se em hábitos e comportamentos, claro que isso se torna possível quando essas atividades são propostas de maneira lúdica e que seja capaz de fazer com que o aluno preste atenção, se interesse pelo tema e acima de tudo, aprenda.

O caminho da sustentabilidade precisa ultrapassar os limites da sala de aula e vir a percorrer a vida dos alunos, trazendo a proposta de promover atitudes que sejam precursoras de uma maior sensibilidade ambiental. Essa ideia de sustentabilidade encontra-se bem presente nas atividades contempladas pelo JEPP, e isso influi muito sobre a importância de se propor caminhos diferenciados de aprendizagem, os quais podem ser levados para a vida futura dessas crianças. Assim, a proposta identificada no JEPP, abrange o EF I, “o ambiente da aprendizagem sensibiliza os estudantes a assumirem riscos calculados, a tomarem decisões e a terem um olhar observador para que possam identificar, ao seu redor, oportunidades de inovações, mesmo em situações desafiadoras” (SEBRAE, 2017), ou seja, ao mesmo tempo que há um olhar mais crítico para o meio ambiente, há uma aprendizagem empreendedora que abre inúmeros caminhos para oportunidades alternativas que propiciem renda e ao mesmo tempo contribuam para a diminuição da retirada de recursos naturais. Além disso, podemos destacar que tudo isso é possível devido ao papel que professor exerce, que é fundamental na implementação de práticas ambientais dentro do próprio ambiente escolar.

Ressaltamos sobre a positividade existente nas atividades ofertadas e desenvolvidas pelo JEPP. Entretanto, criticamos essa função exercida por uma entidade privada, que está implementada no contexto escolar, levando a eles um ensino voltado para a formalização de micro e pequenas empresas, com a imagem de que está somente abordando práticas em EA. Criticamos essa presença do JEPP na escola de maneira construtiva, e propomos a tarefa de práticas e ensinamentos voltados a EA, ao encargo dos próprios docentes da escola, que sem a necessidade de uma entidade privada, poderiam exercer em plena atividade, abordagens em EA.

PI vem a complementar a resposta de PM, que traz o JEPP como uma iniciativa positiva que direciona conceitos e valores para com o meio ambiente, e também aponta novos horizontes para que o aluno perceba a sua própria capacidade dentro da realidade que ele vive. PI destaca que não conhece nenhum outro projeto, a não ser essa abordagem do JEPP e, ainda deixa em dúvida se esse é uma disciplina ou projeto. Entretanto, destaca sobre o Agrinho, que também é trabalhado dentro da escola trazendo abordagens voltadas para o meio ambiente. Portanto, percebe-se que eles são cobrados sobre a importância de abordar o meio ambiente dentro da sala de aula, e PI afirma que tanto o JEPP quanto o Agrinho são um extra, e que as abordagens sobre EA são planejadas e executadas por eles nas diferentes disciplinas.

Conquanto, observamos também, que alguns docentes não presenciam a existência de projetos. Para isso PT e PV afirmam:

PT: Projeto que eu conheça, não, praticamente é trabalhado dentro das disciplinas, os professores acredito eu que todos abordam no dia a dia esse assunto.

PV: Não existe projeto, mas está nos conteúdos, então vai do professor como que vai conduzir, se vai trabalhar simplesmente um texto sobre o meio ambiente e parou por ali, ou se vai explorar um pouquinho mais, com livros, com internet, com videozinho. Então, tem nos conteúdos, mas não tem na escola um projeto, seria interessante ter.

A discrepância entre existir ou não projetos no ambiente escolar destaca-se sobre a ausência de um diálogo entre o próprio corpo docente e talvez falhas pelos responsáveis nas coordenações pedagógicas e direções. Isso é possível de ser observado quando há divergências de respostas sobre a existência ou não de projetos dentro das escolas investigadas. PT destaca que desconhece a existência de projetos, e afirma que os docentes reconhecem sobre a necessidade dessa abordagem da temática no decorrer das aulas. Essa mesma afirmação é percebida por PV que possui essa mesma noção, reconhecendo a temática como transversal e interdisciplinar, deixando ao encargo do professor a sua abordagem. Como PV mesmo aponta, essa tarefa existe, mas cada um dentro do seu espaço vai definir como fazer essa aproximação de conhecimentos, aspectos esses que caracterizam a interdisciplinaridade.

Ao discutir acerca dos projetos, reforça-se a defesa pela abordagem interdisciplinar e transdisciplinar dentro da escola. Conforme Saheb e Rodrigues a “postura esta que favorece a articulação horizontal entre as disciplinas numa relação de reciprocidade, propiciando a superação da fragmentação disciplinar” (2017, p. 6), fazendo uma abertura para a discussão mais ampla e abrangente dos conteúdos, atendendo às demandas da EA como tema

transversal. Além disso, “a própria escola, com seus problemas ambientais específicos, pode fornecer elementos de estudo e debates e fazer surgir ideias para a solução de muitos deles, envolvendo os alunos e as alunas e a comunidade na sua manutenção” (REIGOTA, 2014, p. 78), oportunizando que a EA seja investigada dentro do próprio contexto escolar, para que a partir daí aprendam e facilitem a identificação das problemáticas que atingem a sociedade.

O desenvolvimento de projetos pode ser realizada na disciplina de escolha do docente e não precisa necessariamente de uma matéria específica para ser aplicado. Por isso, precisamos destacar que podemos abordar a EA como uma temática transversal, conforme foi comentado anteriormente, na Categoria II. Assim, há um descritor trazido por um docente, em que aponta-se que essa tarefa é “*dever da professora de Ciências*”, a qual aparece com uma frequência de apenas duas vezes, mas chama a atenção, pois apesar de muito já ter sido discutido, ainda têm-se presente essa ideia de que o ensino da EA está ao encargo de apenas um determinado professor, responsável por uma certa matéria, neste caso, Ciências. Sobre isso, PB afirma:

PB: Não. Não tem nenhum projeto. Eu trabalho em duas escolas, e em nenhuma das duas tem projeto de EA por enquanto e, não é tanto, não tem tanta preocupação tipo, mais é: não jogue lixo no chão! Mas isso é questão de limpeza também, para não acumular muita sujeira, mas não tem tanto isso. Até as profes assim já pedem assim: ah não, vai trabalhar meio ambiente é a profe de Ciências, não tem muita preocupação. Ah esse conteúdo é de Ciências, então eu não vou trabalhar. O que na verdade deveria ser tudo junto, um segmento, um conjunto.

A afirmação de PB sobre não existir nenhum projeto em EA, é perceptível. Além disso, percebe-se que não há muita preocupação com essa questão, conforme ele afirma. No entanto, pode-se compreender perfeitamente que quando o docente afirma “*não jogue lixo no chão*”, ele destaca que isso é o que geralmente é trabalhado em sala, nada além disso, ressaltando ainda que “*isso é questão de limpeza também, para não acumular muita sujeira*”, o que deixa a entender que isso não é um ato educativo e não há tanta importância em realizá-lo, a não ser pelo fato dele ser importante para a manter a sala de aula limpa. Desta forma, apesar dessa compreensão, há a impressão de que o docente possui interesse em abordar esta temática, mas é cortado pelos próprio colegas de trabalho, os quais acentuam a ele que esses conteúdos são de dever do professor de Ciências e ele, ao se deparar com situações que envolvam abordagens em EA, acaba por não abordá-las, pois já existe alguém encarregado para tal função.

Nesse sentido, é preciso trabalhar com os docentes sobre a transversalidade no ensino da EA, para que saibam que a temática pode ser abordada por qualquer um deles, independentemente da disciplina. De acordo com Bernardes e Prieto “boa parte dos professores não está preparada nem capacitada para realizar projetos de Educação Ambiental” (2010, p. 178), ou seja, falta formação para habilitar os profissionais da educação para atuarem com mais eficiência e se sentirem capazes de abordar a temática. Os autores destacam ainda que “mesmo que houvesse preparo, um grande contingente de professores não tem interesse, nem didática ou conhecimento, para problematizar, junto com sua disciplina específica, as questões ambientais” (2010, p. 178). Assim, não basta apenas ter o preparo, pois há profissionais que não se identificam com a área e não conseguem inserir a EA dentro das mais diversas disciplinas, pois não possuem segurança em fazer isso.

Dentro desse mesmo contexto de atuação dos profissionais docentes, que muitas vezes não conseguem abordar a EA através de projetos ou mesmo outras formas, aparecem aqueles que pretendem, apesar das dificuldades, inserir futuramente essa alternativa de abordagem em suas aulas. Sobre isso, PF afirma:

PF: Agora a gente não está desenvolvendo nenhum projeto especial assim, exatamente em cima disso, mas a gente trabalha direto a temática EA. Então, desde tudo isso que a gente faz, todo ano a gente em uma atividade mais voltada, esse ano a gente não se organizou, a gente está pensando ainda alguma coisa, ou sobre o cultivo. Então, eu nem sentei ainda pra conversar com todos os profes, to conversando assim meio que em off pra gente resgatar um projeto que a gente fez há alguns anos atrás, que era o cultivar da mandioca com as mães, então assim, receitas, coisas além da mandioca do dia a dia, ou do milho verde, então a gente está vendo pra gente tentar alguma parceria com o SEBRAE, alguma coisa assim. Mas, um pouco digamos assim, mais seria, porque a gente também não vai tentar ensinar as coisas, porque a gente sabe um pouquinho, mas eles sabem muito além do que a gente sabe. Então a gente vai tentar sim, trazer algum especialista de lá, pra tentar fazer novas receitas, que daí a gente consegue trabalhar a questão ambiental, os agrotóxicos, da questão do reaproveitamento.

No momento da entrevista PF afirma que não havia nenhum projeto em andamento, mas contrapondo isso, reforça que existem atividades na escola que procuram envolver essa temática, na busca de levá-los a uma aproximação mais significativa da EA, principalmente pelo fato desse docente atuar em uma escola de campo. Essa ideia da docente aponta para um projeto já desenvolvido há alguns anos atrás, como ela mesma afirma, e no qual havia a inserção da família na escola, trazendo uma oportunidade ainda maior de se efetivar o ensino e da aprendizagem da EA. Além disso, PF reforça que não se sente apta para abordar tudo o que é necessário dentro da temática, apontando para a importância de se ter um profissional

da área aplicando esses conteúdos, o qual possui um preparo maior para ensinar, e somente assim ela poderá complementar esse processo de ensino, que foi previamente preparado por alguém que possui habilidade com a EA.

Ao longo da pesquisa, percebemos que mais da metade dos docentes afirmam possuir inquietações para implementar iniciativas diferenciadas sobre EA dentro do ambiente escolar que atua, como forma de colocar aos alunos uma maneira diferenciada de ensino. Ou seja, é necessário propor momentos de formação continuada sobre a temática, mas mais que isso, é preciso que os professores de fato queiram participar dessa formação.

Portanto, compreende-se que nem sempre existem projetos específicos em EA, que permeiam a escola, como é o caso das instituições que são alvo da pesquisa, mas dentro das possibilidades é possível abranger a temática. É nesse sentido que Fonseca (2016, p. 310) afirma que “a principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global”, ou seja, fazer o aluno se tornar responsável pelo meio em que vive e se posicionar criticamente quanto aos acontecimentos que permeiam a sua realidade socioambiental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os impasses que envolvem o meio ambiente cotidianamente, apresentamos uma perspectiva positiva que pode contribuir para a melhoria de comportamentos considerados prejudiciais à natureza. Esses comportamentos são construídos ao longo da existência humana, atrelados a experiências vividas nos mais diferentes contextos sociais dos quais fazemos parte.

Sob essa orientação, consideramos que a presente pesquisa com os docentes das duas escolas do município de Pranchita - PR, permitiu conhecer um pouco sobre as compreensões e práticas acerca da temática EA dentro do contexto escolar. Analisando esses aspectos no estudo, percebeu-se que existem compreensões positivas sobre o meio ambiente, as quais consideram o ser humano como parte desse e mais que isso, como alguém que precisa dos recursos naturais para sobreviver. Além disso, as concepções de EA foram principalmente as relacionadas ao ensinar o aluno a cuidar e a preservar a natureza, pois são ações necessárias para a nossa sobrevivência, o que possibilita aos docentes ensinar aos seus alunos que precisamos fazer a nossa parte, contribuindo para que haja harmonia entre o ser humano e a natureza.

A partir do momento em que reconhecemos e sentimos que pertencemos ao meio ambiente, direcionamos um olhar diferenciado para com ele. As atitudes que desenvolvemos precisam remeter para os resultados que farão parte da trajetória que objetivamos, colocando os educadores e conseqüentemente os alunos, como de fato é o alvo dessa pesquisa, à frente das conseqüências de seus próprios atos, os quais precisarão ser pensados e refletidos em ações contributivas para que façamos o que condiz com o que queremos e almejamos para o nosso futuro e o das próximas gerações.

Com relação a abordagem da EA no EF I, constatou-se que ela é realizada de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, afirmando a proposta de ser um tema transversal e que precisa ser abordado pelos professores das diferentes disciplinas. Assim, os docentes afirmam que trabalham a temática em diferentes matérias, mas quando o fazem, é de forma sucinta, e que isso ocorre porque eles não possuem muito tempo para explanar, porque precisam cumprir com as abordagens que são propostas. Com isso, ocorrem falhas e muitas vezes a ausência das abordagens em EA, impossibilitando a tentativa de sensibilizar os indivíduos com atitudes.

Propostas de inserção dialógicas acerca da problemática ambiental precisam fazer parte do contexto escolar do EF I, para que assegurem a formalização de debates que relacionem a realidade ambiental da qual fazemos parte, e possibilitem a exposição dos conhecimentos científicos sobre a problemática social da qual pertencemos. De acordo com os professores, a realização de atividades diferenciadas, desde a leitura de textos até aulas práticas, auxiliam na sensibilização ambiental, possibilitam explicar sobre os rumos que o planeta precisa tomar, para poder garantir a sobrevivência da população, contrastando a urgência que há em investir em conhecimentos que possam esclarecer o que poderá acontecer com a espécie humana, destacando que depende de cada um de nós a responsabilidade para alterar essa situação degradante.

No entanto, pode ser compreendido que apesar das dificuldades enfrentadas pelos docentes, ainda há motivos que os fazem realizar abordagens em EA, mesmo que de maneira indireta. Isso faz com que haja contribuições para um olhar mais sensível e revele aos alunos a sua função enquanto ser sociável e encarregado de diversos deveres, manifestando a importância de observarmos e analisarmos o que estamos realizando enquanto vivemos, para perceber se construímos e contribuimos, ou se construímos e destruímos o meio ambiente que nos constitui e fazemos parte.

A partir do momento que posicionamos um olhar crítico e responsável, iniciamos um processo de aprendizagem socioambiental constante, pois fazemos o que admitimos ser correto e positivo para a melhoria da situação ambiental crítica atual. Desenvolver ações de mudança nas atitudes cotidianas simples, significa dar um passo fundamental e basilar para a promoção de mudanças significativas para com o meio que estamos inseridos e isso só se torna possível quando aprendemos no coletivo - família, escola e sociedade, que ações precisam ser feitas e cada um de nós precisa se comprometer com elas, fazendo as mudanças acontecerem efetivamente.

Sobreviver nesse planeta implica em promover práticas saudáveis para com nós mesmos e, também contribuir para a promoção de atitudes geradoras de escolhas mais sustentáveis e saudáveis para que consigamos sobreviver em um planeta que cada vez mais consome e destrói a disponibilidade de recursos. Para isso, a EA ao ser aprendida e compreendida como pertencente ao contexto escolar e cotidiano, acaba definindo a importância que damos ao meio ambiente, contrastando com o respeito que exercemos enquanto seres sociais, revelando a valorização que dedicamos a todas as formas de vida existentes.

Assim, a pesquisa, por tratar de uma temática ampla e complexa no âmbito educacional não se esgota na defesa do trabalho final. Entregaremos uma cópia impressa do trabalho final, a cada uma das escolas participantes. A partir disso, será planejada e desenvolvida uma oficina pedagógica com os professores participantes, permeada por reflexões e debates acerca da temática em estudo. Com isso, pretende-se apresentar a realidade das instituições envolvidas que permeia a Educação Ambiental, bem como proporcionar reflexões acerca da temática em conjunto com os docentes.

Ao findar a pesquisa, ainda nos perguntamos: somos educados ambientalmente? Temos capacidade para compreender que precisamos construir um planeta mais sustentável? Somos conscientes sobre a responsabilidade pelos recursos naturais? Queremos que as próximas gerações sobrevivam? Consumimos tudo o que precisamos? enxergamos as problemáticas ambientais e simplesmente as aceitamos? Quais mudanças estamos realizando para gerar melhorias ambientais? São questionamentos que acreditamos serem respondidos à medida que a EA se efetive nos contextos escolares, repercutindo na sociedade. E, também, quando mais pesquisas se voltam à problematizar a temática.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Daniela Gonçalves de; CAMPOS, Maria Lúcia A. M.; AGUILAR, Márcia B. R.. **Educação Ambiental das escolas de Ribeirão Preto (SP):** Concepções Orientadoras da Prática Docente e Reflexões sobre a Formação inicial de Professores de Química. 2008. V. 31, nº 3. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/6742/art_ABREU_Educacao_ambiental_nas_escolas_da_regiao_de_2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- ALENCAR, Layana Dantas; BARBOSA, Maria de Fátima Nóbrega; BARBOSA, Erivaldo Moreira. **Educação ambiental:** análise comparativa dos dados obtidos com os atores sociais de uma escola pública de ensino médio de Campina Grande –PB. 2015. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FURG. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4921/3261>>. Acesso em: 24 set. 2018.
- BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira; PRIETO, Élisson Cesar. Educação Ambiental: disciplina versus tema transversal. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 24, n. 0, p.173-185, jul. 2010. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - FURG.
- BIANCHI, Sara Rebecca. **A Importância da Motivação na aprendizagem no ensino fundamental.** 2011. São Carlos, SP. Disponível em: <<http://www.pedagogia.ufscar.br/documentos/arquivos/trabalhos-de-conclusao-de-curso/tcc-2008/a-importancia-da-motivacao-na-aprendizagem-no-ensino-fundamental>>. Acesso em: 05 dez. 2017.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra.** 1999. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes. Disponível em: <<http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampled/2015/livros/sabercuidar.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2018.
- BRASIL. Lei nº 6938, de 31 de agosto de 1981. **Política Nacional de Meio Ambiente.** Brasília, GOIÁS, 02 set. 1981. Disponível em: <<http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=313>>. Acesso em: 08 out. 2018.
- BRASIL. Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. **Lei de Educação Ambiental:** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 28 abr. 1999.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Constituição Federal.** Brasília, 05 out. 1988.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Apresentação dos Temas Transversais ética. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **A dimensão ambiental da educação escolar de 1.^a-4.^a séries do ensino fundamental na rede escolar pública da cidade de Paranaguá.** 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n15/n15a14.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CUBA, Marcos Antonio. **A Educação Ambiental nas Escolas.** 2010. Disponível em: <<http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/403/259>>. Acesso em: 01 set. 2017.

DELIZOICOV, Demétrio; DELIZOICOV, Nadir Castilho. Educação Ambiental na escola. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende. **Educação Ambiental.** São Paulo: Afiliada, 2014. p. 81-116.

DIAS, Leonice Seolin; LEAL, Antonio Cezar; CARPI JUNIOR, Salvador. **Educação Ambiental: Conceitos, Metodologias e Práticas.** 2016. 1^a Edição, Tupã - SP, Anap. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Fluminhan/publication/309179299_Utilizacao_do_Acervo_Educacional_de_Ciencias_Naturais_da_Unoeste_para_a_Educacao_Ambiental/inks/5803024408ae310e0d9dec44/Utilizacao-do-Acervo-Educacional-de-Ciencias-Naturais-da-Unoeste-para-a-Educacao-Ambiental.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2018.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: Didática e Prática de Ensino.** 2015. São Paulo. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/gepi/downloads/revistas/revista-6-gepi-abril15.pdf#page=9>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FONSECA, Sergio Mattos. **A Educação Ambiental como disciplina.** 2016. Revbea, São Paulo, V. 11, No 1: 305-314. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/view/4154/3115>>. Acesso em: 15 out. 2018.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis.** 2017. Disponível em: <http://gadotti.org.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/426/AMG_PUB_02_055.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 07 dez. 2017.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade.** 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834>>. Acesso em: 28 set. 2017.

JACOBI, Pedro Roberto. **Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo.** 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

KRZYSCZAK, Fabio Roberto. **As diferentes concepções de meio ambiente e suas visões.** 2016. Vol. 11 – Nº 23 – Janeiro - Junho - Semestral. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/355_1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

LOPES, Thais Cristina de Souza. **Educação Ambiental como Estratégia de Sensibilização Ambiental em uma Escola de Ensino Médio, Angicos/RN.** 2011. Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Disponível em: <<http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/232/arquivos/Thais%20Cristina%20d>>

e%20Souza%20Lopes%20TCC_BDM_BCAUFERSA%202011.2.pdf>. Acesso em: 09 out. 2018.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de; MENDONÇA, Maria José da Silva Lemes; SOUSA, Gláucia Lourenço de. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. 2011. Disponível em: <<http://www.terra-brasilis.org.br/ecotecadigital/pdf/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2018.

MORAES, Roque. Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2011.

NETO, Antônio Cabral; FILHO, Francisco Dutra de Macedo. O Estado e o dever de proteção ao meio ambiente: a importância da participação social na formulação, execução e avaliação de políticas ambientais. In: CABRAL NETO, Antonio; MACEDO FILHO, Francisco Dutra de; BATISTA, Maria do Socorro da Silva. **Educação Ambiental: caminhos traçados, debates políticos e práticas escolares**. Brasília: Liber Livro, 2010. p. 33-68.

NICOLESCU, Basarab. **Um novo tipo de conhecimento: Transdisciplinaridade**. 1999. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llesp/A_a_H/didatica_I/aula_03-0021/imagens/01/transdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2017.

OLIVEIRA, André Luis de; AMARAL, Anelize Queiroz; OBARA, Ana Tuyomi. Trabalho com Projetos de Educação Ambiental: uma Estratégia de Ensino Interdisciplinar. In: FERRAZ, Daniela Frigo; DELLA JUSTINA, Lourdes Aparecida; MEGLHIORATTI, Fernanda Aparecida. **Interfaces da Formação de Professores e o Ensino de Biologia**. Cascavel: Edunioeste, 2011. p. 111-126.

PEREIRA, Clarisy Cristina; SILVA, Francielen Kuball; RICKEN, Ingrid. **Percepção e Sensibilização Ambiental como instrumentos à Educação Ambiental**. 2013. Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3930/2466>>. Acesso em: 9 out. 2018.

PRADO, Iara Glória Areias; FARHA, Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis; LARANJEIRA, Maria Inês. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e Saúde**. 1997. Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2017.

QUEIROZ, Alvamar Costa. Educação Ambiental e a reorientação curricular. In: CABRAL NETO, Antônio; MACEDO FILHO, Francisco Dutra de; BATISTA, Maria do Socorro da Silva. **Educação Ambiental: caminhos traçados, debates políticos e práticas escolares**. Brasília: Liber Livro, 2010. p. 195-217.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 6ª reimpr. da 2ª ed. de 2009. São Paulo: Brasiliense, 2014. Coleção Primeiros Passos.

SAHEB, Daniele; RODRIGUES, Daniela Gureski. **A Educação Ambiental nos anos iniciais do Ensino Fundamental na voz de seus professores**. 2017. 38ª Reunião Nacional, ANPED,

01 a 05 de Outubro de 2018, São Luiz - MA. Disponível em:

<http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT22_1270.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. 2008. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/07.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

SATO, Michele. **Debatendo os desafios da Educação Ambiental**. 2001. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/bsc1/artigo1_Debatendo_os_desafios_da_ed_ambiental.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2017.

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a12v31n2>>. Acesso em: 28 set. 2017.

SEBRAE. **Atitude empreendedora, Educação Empreendedora no Ensino Fundamental: O JEPP**. 2017. Sebrae Nacional. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/educacao-empreendedora-no-ensino-fundamental,0c54be061f736410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 18 out. 2018.

SORRENTINO, Marcos. **Educação Ambiental como Política Pública**. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a10v31n2>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

TORRES, Juliana Rezende; FERRARI, Nadir; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. Educação Ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freiriana. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende. **Educação Ambiental**. São Paulo: Afiliada, 2014. p. 13-80.

TORRES, Patrícia Lupion; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Complexidade, transdisciplinaridade e produção do conhecimento**. 2014. Disponível em: <https://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_00_Complexidade.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

APÊNDICE A - Roteiro Estruturado aplicado na entrevista com os docentes.

As perguntas a seguir são relacionadas a você, a sua escolaridade e também sobre o tempo em que você atua como professor. Ao responder estes questionamentos, seja o mais sincero possível:

1. Há quantos anos trabalha como docente?
2. Há quantos anos concluiu a graduação?
3. Qual é a turma de regência?
4. Qual é a sua graduação?
5. Como ocorre o processo de formação continuada?

Dados relacionados a Educação Ambiental

6. O que você entende por Meio Ambiente?
7. Para você o “meio ambiente” é um direito social? E como isso pode ser abordado com alunos de ensino Fundamental I?
8. O que você conhece sobre a Educação Ambiental?
9. Defina Educação Ambiental.
10. Qual é a sua opinião sobre a EA?
11. Você utiliza a temática Educação Ambiental no decorrer das suas aulas?

() Sim () Não

Se a sua resposta for sim, em quais momentos.

12. Do seu ponto de vista, quais são a (s) matéria (s)/disciplina (s) que precisam contemplar a Educação Ambiental?

13. Em qual matéria/disciplina você costuma trabalhar a temática EA? Porquê utiliza esta matéria/disciplina?

14. A Educação Ambiental deve ser uma disciplina?

15. Você trabalha questões regionais relacionadas ao meio ambiente? Você considera importante e necessário o ensino da Educação Ambiental para os alunos?

Sim Não.

Se a sua resposta for sim, justifique-a.

16. Você considera importante e necessário o ensino da Educação Ambiental para os alunos?

Sim Não.

Se a sua resposta for sim, justifique-a.

17. O ensino necessita constantemente de metodologias diversificadas e que ao mesmo tempo, sejam capazes de promover o aprendizado. Com isso, quais são as atividades que você desenvolve que contemplam a EA?

18. Nesta instituição de ensino, existe alguma preocupação com relação a EA? Existe algum projeto que envolva ou aborde esta temática?

APÊNDICE B – Tabela 3: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 6 e

7

DESCRITORES	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total
É o meio	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	4
O lugar onde está, onde a gente vive, onde se desenvolve, onde vivemos, local onde a gente vive	2	-	-	-	-	4	-	-	2	-	-	1	-	8
O que nos cerca e faz parte do meio, tudo que nos cerca, tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em nosso planeta, centro de tudo, engloba, fazemos parte dele	2	-	-	3	2	1	-	3	1	2	1	4	3	22
Parte da sobrevivência	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ar que respira, o que respiramos, o que a gente respira	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	3
Estado do meio ambiente, matéria prima do meio ambiente, tudo a gente tira do meio ambiente, puro e limpo	1	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	-	-	4
A natureza, a nossa natureza	-	1	1	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	4
O ambiente casa, tudo que a gente tem dentro de casa, família, a rua, o bairro, comunidade	-	1	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	4	8
Ambiente escola	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
É um direito social, direito de todos, deveria ser visto como, acredito que sim	1	1	1	2	1	1	1	1	2	-	1	1	-	13
Preservação, preservar, cuidar, cuidar o bicho, cuidar da casa, cuidar da escola, cuidamos do mundo, reciclar, tem que preservar, vai cuidar mais, valorizar mais, o cuidado, preocupação, proteger, cuidar futuro e presente	-	1	1	4	-	1	8	-	3	9	-	3	-	30
Só vai fazer o que gosta a partir do que ama, amar o meio ambiente	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
O nosso dia a dia, o dia a dia	-	-	-	2	-	10	-	-	-	-	-	1	-	13

das crianças, dia a dia em sala de aula, nosso viver, o que a gente come, vivenciar														
Campo e cidade	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	4	-	-	6
Na forma de reflorestar	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Importantíssimo, importância para a nossa vida	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2	-	-	-	4
O nosso desenvolvimento, tem que vir desde pequeno, eles vão crescer com essa consciência	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	4
A gente depende do meio ambiente, dependemos dele	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2
Abrangente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3
Interdisciplinar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	3

Fonte: Elaborada pela autora.

Caminho da sustentabilidade, usar os recursos mas preservando	-	4	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	3	12
Reciclagem, reflorestamento	-	2	-	2	-	-	-	3	-	3	-	2	1	13
Proteção do meio ambiente, compromisso com o ambiente, compreender	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Totalmente fora da minha área, fica um pouco fora da área, difícil	-	-	1	-	4	-	-	-	-	-	-	2	-	7
O que há nos livros, ouviu falar	-	1	2	-	1	-	-	-	-	-	-	5	-	9
Fazer o que ama, o aluno vai fazer, vai levar pra frente o que você ensina, falar para o aluno, explicar	2	-	4	-	-	-	5	2	2	3	-	4	5	27
Fazer, utilizar, comentar, mostrar, fora da sala, levar coisa para a sala, juntar o lixo	1	-	12	-	9	2	1	-	-	1	5	1	-	32
Tudo é ambiente, é a nossa cidade, construir a cidade, zona rural, campo, é de lá que vem a água, é de lá que vem nosso alimento, escola, ao redor da casa, o ar que respiramos, é vida, família, onde vivemos	-	-	-	12	5	8	-	3	-	1	5	10	13	57
Desmatamento, agrotóxicos, produção, construção, consumismo, poluição, doenças, bactérias, industrialização, queimadas, prejuízo	-	1	-	1	-	1	8	-	-	7	6	4	5	33
Pessoas mais preparadas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	4	10

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE D - Tabela 5: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 12 e 13.

Descritores	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total
Todas as disciplinas, tudo pode ser integrado, interdisciplinar	6	-	-	2	5	4	1	2	2	-	-	2	1	25
Quase todas, nas outras, têm várias, mas as outras podem utilizar integrado	-	1	2	1	-	-	1	-	3	1	-	-	-	9
Ciências	2	3	3	-	1	1	2	1	5	1	3	-	2	24
Geografia	3	1	-	6	-	2	-	-	2	7	2	1	1	25
História	2	1	-	2	-	-	-	-	1	5	1	1	-	13
Português	4	1	2	2	1	1	4	-	2	7	1	3	3	31
Matemática	3	0	1	2	2	1	3	1	1	12	1	1	2	30
Artes	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	3
Aulas de JEEP	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	3
Não teria uma matéria/disciplina específica	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	2
														165

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE E - Tabela 6: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 14.

DESCRITORES	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total
Sim	2	4	1	3	2	5	2	1	2	2	-	4	1	29
Não	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Não sei	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	2
Trabalhar EA	2	1	1	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	7
não sabe como implantar	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4
as crianças precisam	2	1	1	2	2	-	1	-	-	-	-	-	-	9
Importância	1	1	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1	5
Complicado, difícil, falta de tempo	2	2	6	1	-	-	-	-	4	-	-	-	3	18

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE F - Tabela 7: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 15.

DESCRITORES	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total
Aborda questões regionais	1	1	-	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	12
Sobre município, a realidade que o aluno esta inserido, sua casa, sua escola	2	5	-	4	4	12	4	4	5	12	3	7	8	70
Engloba tudo	2	3	-	1	-	1	-	-	1	1	-	-	-	9
Não tem como limitar	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE G - Tabela 8: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 16.

DESCRITORES	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total
Considera importante, ter consciência	1	2	4	1	3	1	2	1	4	3	2	1	1	26
Necessidade, preservar, cuidar, futuro	2	3	1	-	4	4	2	1	2	1	-	1	-	21
Faz parte da nossa vida, é tudo que nos cerca, é vida, saúde	2	-	1	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	7
Os recursos são esgotáveis	-	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	4
Desde pequeno	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE H - Tabela 9: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 17.

DESCRITORES	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total
Função do professor de Ciências.	3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	3
Trabalha/aborda: exemplos; conhecimentos; assiste; textos; paródia.	9	2	1	2	5	5	2	8	7	13	6	5	11	76
Aula prática, experiências; conhecer a realidade; recortes; pesquisas.	2	5	10	14	8	10	5	5	11	-	-	-	17	87
A falta de tempo dificulta abordar EA.	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Como era antes, como é agora.	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE I - Tabela 10: Unidades de Análise e descritores referentes às perguntas 18.

DESCRITORES	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	Total
Existe projetos	3	-	-	3	-	-	-	2	2	-	-	-	-	10
Não existe no momento, não tem	1	3	1	-	-	1	2	-	-	4	1	1	2	16
Existe preocupação	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	2	13
Existe campanhas	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Não existe preocupação	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Não sabe se existe	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	5
Dever da professora de Ciências	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Planeja fazer projetos para os alunos nas próximas aulas	-	-	6	-	1	4	1	8	-	-	-	-	-	20
O JEPP	-	-	-	3	-	-	-	3	-	-	-	-	1	7
Agrinho	-	-	-	1	-	-	-	-	2	1	-	-	-	4

Fonte: Elaborada pela autora.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: “A Educação Ambiental na compreensão dos professores do Ensino Fundamental I, de Pranchita-PR”

Pesquisador responsável: Sandra Maria Wirzbicki.

Aluno participante: Fabiana Aparecida da Silva Tonet (046) 9 9936-8586

Prezados,

Vocês estão sendo convidados (as) a participar da pesquisa “ A Educação Ambiental na compreensão dos professores do Ensino Fundamental I, de Pranchita-PR”, desenvolvida por Fabiana Aparecida da Silva Tonet, discente, graduanda em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Realeza-PR, sob orientação da Pesquisadora Responsável Sandra Maria Wirzbicki. O objetivo central deste projeto consiste em conhecer as compreensões e práticas dos professores acerca da Educação Ambiental no Ensino Fundamental I, neste município.

O convite a sua participação se deve à sua inserção na escola de Educação Básica como professor. Sua participação é muito importante, para que os dados sejam mais confiáveis, bem como, possam de fato, ser o reflexo das situações que envolvem o espaço escolar. Sua participação consistirá em responder perguntas de uma entrevista à pesquisadora do projeto, mas a mesma não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos. Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais dos sujeitos participantes da pesquisa.

Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Os benefícios do professor participante da pesquisa, consistem na reflexão sobre o tema em questão que é a Educação Ambiental, incluindo-o em suas práticas pedagógicas. Além disso, após a entrevista, todo o trabalho desenvolvido através da coleta de dados, será devolvido para todos os participantes, através de uma cópia, disponibilizada para cada uma das escolas. Também será convidado a participar de uma oficina pedagógica, promovida para a realização de debates e reflexões sobre a temática, propiciando esclarecimentos, compreensões e formação, complementares para auxiliar as suas aulas, de forma que essas problematizações possam contribuir com a formação cidadã dos professores, e consequentemente dos alunos.

A participação na pesquisa e durante a realização da oficina, poderá causar riscos relacionados com um estresse psicológico ou emocional, decorrente do processo de resposta aos questionários e participação na oficina. Caso o professor venha apresentar alguns destes riscos citados acima, sua entrevista e participação será finalizada, havendo a imediata

suspensão da participação do sujeito na pesquisa e, se necessário serão efetuados encaminhamentos a profissionais especializados na área da psicologia ou psicoterapia.

Além disso, eu _____ permito que a Fabiana Aparecida da Silva Tonet obtenha gravação de voz de minha pessoa para fins da pesquisa científica/educacional a ser desenvolvida. As gravações ficarão sob a propriedade das pesquisadoras pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Desde já agradecemos sua participação!

Pranchita, ___/___/2017.

Sandra Maria Wirzbicki – Siape: 2211724

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (046) 3543 8358

e-mail: sandra.wirzbicki@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Realeza; Rua Edmundo Gaievski, 1000, CEP 85.770-000 - Realeza – PR.

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”:

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Bloco da biblioteca, Sala 310, 3º andar Rodovia Santa Catarina 484, Km 02, Fronteira Sul, CEP: 89815-899 - Chapecó - Santa Catarina – Brasil).

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome do (a) participante: _____

Assinatura: _____